estudos da cnbb 36

guia pedagógico de pastoral vocacional

Estudos da CNBB - 36

COLEÇÃO "ESTUDOS DA CNBB"

— Deus vos salve, casa santa! — Pesquisa de folc-música religiosa *
1 — Espiritualidade presbiteral hoje *
2 — Igreja e política — Subsídios teológicos
3 — Comunidades: Igreja na base
4 — Pastoral carcerária
5 — A pastoral vocacional — Realidade, reflexões e pistas *
6 — Igreja e educação
7 — A família — Mudança e caminhos
8 — Pastoral do dízimo
9 — Pastoral da saúde *
10 — Pastoral social
11 — Pastoral da terra I
12 — Estudo sobre os cantos da missa
13 — Pastoral da terra II — Posse e conflitos
14 — Educação religiosa nas escolas
15 — Prostituição: desafio à sociedade e à Igreja
16 — Conselhos presbiterais diocesanos *
17 — Com Deus me deito, com Deus me levanto *
18 — Manual simplificado do trabalhador rural
19 — Por uma sociedade superando as dominações *
20 — Pastoral da família *
21 — Guia ecumênico *
22 — Pistas para uma pastoral urbana
23 — Comunidades Eclesiais de Base no Brasil — Experiências e perspectivas
24 — Subsídios para uma política social
25 — O Papa vem ao Brasil
26 — Sofrer em Cristo Jesus — Espiritualidade do enfermo
27 — Bibliografia sobre a religiosidade popular
28 — Pela unidade dos cristãos — Guia ecumênico popular
29 — Situação do clero no Brasil
30 — Propriedade e uso do solo urbano
31 — Cáritas hoje
32 — A família e a promoção da vida
33 — Liturgia de rádio e televisão
34 — Obras sociais da Igreja no Brasil
35 — Campanha da fraternidade
36 — Guia pedagógico de pastoral vocacional

* Esgotados

Guia pedagógico de pastoral vocacional

3ª edição

Edições Paulinas

© EDIÇÕES PAULINAS - SÃO PAULO, 1983

ISBN 85-05-00013-7

APRESENTAÇÃO

O florescimento da Pastoral Vocacional nos últimos anos deu origem a um variado material de incentivo e apoio ao trabalho pelas vocações. Os Encontros Nacionais têm enfatizado a riqueza e a multiplicidade dessas iniciativas e, ao mesmo tempo, manifestado a necessidade de um texto de caráter pedagógico, que ofereça uma linha de unidade na formação e atuação dos agentes da Pastoral Vocacional.

A XX Assembléia Geral da CNBB votou expressamente que se elaborasse um Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional. *Partindo da elaboração das bases, sobretudo através dos Regionais, a Linha 1 da CEP coordenou a elaboração do presente texto.*

Ele dirige-se às equipes e aos agentes de Pastoral Vocacional como apoio a seu trabalho e, ao mesmo tempo, como subsídio para a formação de novos agentes. Por essa razão, busca uma abordagem acessível e, quanto possível, simples dos vários aspectos tratados.

Eles não esgotam a riqueza de experiências, doutrina e perspectivas da Pastoral Vocacional. Constituem, porém, orientações essenciais e oportunas neste momento da vida da Igreja no Brasil, marcado pelo Ano Vocacional, *que volta a repetir o convite de Jesus:* Vem e segue-me!

Sua utilização didática em cursos ou encontros poderá exigir uma adaptação às realidades locais e estimulará um esforço de complementação e atualização, que acompanhe o dinamismo da vida de nossas igrejas.

Assim, ao entregar este Guia Pedagógico, *a Linha 1 espera estar colaborando, de imediato, para a celebração do* Ano Vocacional *e, de maneira permanente, para a capacitação de um maior número de agentes que animem e promovam a Pastoral Vocacional em nossas comunidades.*

D. Antonio Celso Queiroz
Bispo da CEP da CNBB — Linha 1
Setor: **Vocações e Ministérios**

I — A PASTORAL VOCACIONAL NO BRASIL

1. O desafio histórico: a falta de padres

A evangelização do Brasil, estritamente associada ao processo de colonização, gerou numerosas vocações sacerdotais e religiosas no século XVII. Na segunda metade do século XVIII, a expulsão dos Jesuítas e a secularização da cultura, e outros fatores ainda, tiveram efeitos negativos sobre o ministério sacerdotal. As restrições que o Império colocou à vida religiosa, ao lado dos primeiros impulsos para a reforma do clero, levaram à situação que encontramos por ocasião da proclamação da República.

Em 1889, proclamada a República, foi também declarada a separação de Igreja e Estado. Assim foi posto fim ao regime do Padroado, que até então tinha colocado a Igreja na estrita dependência do poder civil.

A Igreja no Brasil se achou, nesta altura, diante do desafio de continuar a evangelização e a ação pastoral, contando com uma organização relativamente fraca: 12 dioceses e cerca de 700 padres, para um território imenso e 14 milhões de habitantes.

Na concepção tridentina da Igreja, que exatamente na segunda metade do século XIX se procurava implantar com sucesso no Brasil, o padre era o elemento-chave da pastoral. Ele detinha, por assim dizer, o monopólio do ministério. Tudo o que era da Igreja se concentrava em suas mãos.

Impunha-se, portanto, multiplicar o número de padres, que então — como vimos — era de um para 20 mil ató-

licos. O ideal, ou o sonho, era chegar aos padrões dos países tradicionalmente católicos: um padre para 500 ou, no máximo, para 1.000 habitantes.

Os caminhos que se tentaram foram dois: 1) a multiplicação dos seminários; 2) a atração de missionários e congregações religiosas do exterior.

Não faltou algum pioneiro, como o Padre Júlio Maria de Morais Carneiro, que no fim do século XIX tentou uma reflexão mais profunda sobre as grandezas e fraquezas do catolicismo brasileiro, propondo uma maior aproximação entre Igreja (hierarquia) e povo. Para a mentalidade eclesiástica predominante, contudo, o problema parecia ser exclusivamente: *multiplicar o número de padres.*

2. Até o Concílio Vaticano II

No início dos anos 60, na época do Concílio Vaticano II, os resultados de mais de meio século de esforços eram visíveis. O número dos padres chegava a mais de 12.000, o que significava um padre para cerca de 6.000 habitantes. Quase 60% dos padres eram religiosos e mais de 40% eram de origem estrangeira.

Durante a primeira metade do século XX e sobretudo na década de 1950 a 1960, o número dos Seminários, especialmente dos Menores, crescera sensivelmente. É mais forte o aumento dos Seminários Menores de *religiosos,* que passam de 2 (1890) para 17 (1930) e, depois, de 66 (1950) para 123 (1960). Os Seminários Menores *diocesanos* passam de 11 (1890) para 52 (1950) e 72 (1960).

A Pastoral Vocacional antes do Concílio é caracterizada principalmente pela ênfase nas vocações sacerdotais e por uma intensa campanha junto ao povo, especialmente através da Obra das Vocações Sacerdotais (OVS). A OVS tem como finalidade principal rezar pelas vocações e obter recursos para a manutenção dos Seminários. Também se acentua, antes do Concílio, a preocupação com a "formação dos formadores": preparação de professores em Roma, encontros de Reitores de Seminários etc. As vocações são recrutadas sobretudo em famílias numerosas tradicionalmente cristãs, prevalentemente nas faixas mais pobres da classe média e dentre os pequenos proprietários rurais.

Ao lado do aumento do número de padres e religiosos das congregações masculinas, também o número das religiosas aumenta sensivelmente, alcançando 31.000 em 1958 e 40.000 em 1965.

No campo do apostolado leigo o período é marcado pela atuação de Ação Católica. Também nesse período surgem as organizações e movimentos que preparam o período sucessivo e a fase do "planejamento pastoral" e da "pastoral de conjunto". Difundem-se os movimentos bíblico, catequético e litúrgico; o "Movimento para o Mundo Melhor" prepara uma intensa renovação da Pastoral. São constituídas e começam a exercer ampla influência a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB (1952), e a Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB (1954).

3. **Uma fase de transição** (1966-1979)

O pós-Concílio encontra no Brasil uma Igreja confiante, organizada e até otimista, apesar da consciência de

muitos problemas antigos e de novos desafios emergentes. A Igreja está preparada para enfrentá-los num esforço orgânico, coletivo, racional, que se expressa no "Plano de Pastoral de Conjunto" (1966-1970). Os Bispos o aprovaram em Roma, a 15 de novembro de 1965, durante a última sessão do Concílio.

A Igreja esperava o que o Papa João XXIII falara em 1961: "A história ensina que a cada Concílio sucede uma era de extraordinária fecundidade espiritual, na qual o sopro do Espírito Santo suscita vocações generosas e heróicas e dá à Igreja os homens qualificados de que ela precisa".

A afirmação do Papa do Concílio é certamente válida a longo prazo. De imediato, o Concílio Vaticano II, como o de Trento ou os da antigüidade, trouxe uma mudança profunda na Igreja e, com ela, um período de reformulação e incertezas. O Cardeal Newman já tinha advertido há mais de 100 anos: "Não devemos esquecer que raramente houve um Concílio que não tenha sido seguido depois por uma grande confusão".

Abriu-se, assim, um período que hoje podemos considerar de transição, mas que, na época, foi vivido de forma angustiada como uma grave *crise*.

A crise incidiu fortemente sobre o ministério sacerdotal. Não deveria ser motivo de espanto, porque o padre ocupava então um lugar central na estrutura da Igreja, reformada pelo Concílio de Trento e reforçada pelo Vaticano I. O padre, por isso, sofreu todas as tensões do momento da mudança da Igreja. Além do mais, o Vaticano II não tinha dado uma atenção particular às novas perspectivas do Ministério Presbiteral, enfatizando mais o papel do Episcopado e do Laicato.

A gravidade da "crise de identidade" do padre se manifestou no elevado número de desistências do ministério sacerdotal (veja adiante: 4. *Novas perspectivas*) e na crise de numerosos Seminários, especialmente a partir de 1967. O resultado, em termos quantitativos, foi a estabilização do número de padres, no Brasil, pouco acima de 12.000, o que dá a relação de um padre para 10.000 habitantes.

Nesse contexto, é evidente que não podia deixar de haver uma repercussão negativa sobre as vocações sacerdotais, o que levou à diminuição do número de seminaristas e das ordenações.

É verdade que essa diminuição começou antes do Concílio, e deve ser vista em conexão com mudanças sociais e culturais mais amplas. O maior número de seminaristas menores *diocesanos* (6.503) foi alcançado em 1960. O número de seminaristas *religiosos* chegou ao ponto mais alto em 1966, com 1.964 maiores e 11.539 menores, para descer a um pouco mais da metade no ano de 1972.

O próprio Concílio já se queixava, em termos mundiais, do "exíguo número das vocações" (OT 2, nota 3). O que sugere que as raízes e causas da crise das vocações são mais profundas e remotas do que as recentes mudanças na Igreja.

De qualquer forma, a época da "crise" foi também uma época de intensa reflexão sobre a Pastoral Vocacional. Os anos de 1964-1967 viram dois Encontros Brasileiros e um Latino-Americano sobre teologia da Vocação e quatro Encontros Brasileiros de Pastoral Vocacional, promovidos pelo Secretariado Nacional de Vocações (SNAV) da CNBB. O mesmo Secretariado promoveu a fundação do Instituto Superior de Pastoral Vocacional (ISPAV).

A reflexão desses anos levou a tomar consciência dos limites da Pastoral Vocacional até então praticada, baseada sobre o recrutamento de crianças e adolescentes para instituições especializadas (pré-seminários, pré-juvenatos etc.), onde, segregados das famílias e das comunidades cristãs, eram preparados para o ministério ou a vida religiosa.

A nova Pastoral Vocacional orienta-se no sentido da descoberta, em primeiro lugar, da "vocação cristã", pela qual todos são chamados a participar ativamente da edificação da Igreja. Dentro de comunidades cristãs vivas e dinâmicas, situa-se um esforço educacional para discernir e encaminhar as vocações específicas ao ministério presbiteral, à vida religiosa, às diversas formas de consagração e apostolado.

Essa nova orientação encontra repercussão favorável na extraordinária vitalidade pastoral desse período na vida da Igreja no Brasil. É a época do surgimento e da difusão das comunidades eclesiais de base (CEBs), dos novos ministérios (que levam muitos leigos e, em particular, muitas mulheres e muitas religiosas a assumirem tarefas essenciais na evangelização, no culto e na animação das comunidades cristãs), das múltiplas iniciativas pastorais face aos problemas de uma sociedade em rápida transformação. A Igreja, através do episcopado e do testemunho às vezes heróico de padres e leigos, torna-se porta-voz da consciência nacional em horas difíceis e defende os direitos humanos fundamentais e especialmente dos pobres.

Esse período é também marcado por mudanças profundas nas estruturas da sociedade brasileira, que de rural se torna predominantemente urbana, de agrícola se torna industrial, dando rapidos passos em direção a uma sociedade de consumo, que beneficia a uma minoria e mantém

ANOS	DESISTÊNCIAS			SEMINARISTAS		ORDENAÇÕES	
	Clero Sec.	Clero Relig.	Irs. Laicais	Clero Sec.	Clero Relig.	Clero Sec.	Clero Relig.
1965	4	20	—	—	—	—	—
1966	33	34	—	—	—	—	—
1967	43	55	—	—	—	—	—
1968	91	65	—	—	—	—	—
1969	92	75	—	—	—	—	—
1970	162	127	147	—	—	—	—
1971	76	118	88	—	—	—	—
1972	78	102	83	—	—	—	—
1973	94	132	99	—	—	—	—
1974	80	140	62	—	—	—	—
1975	109	131	55	1.000	1.525	108	114
1976	36	102	43	1.083	1.523	103	126
1977	52	71	42	1.156	1.577	91	123
1978	44	47	42	1.239	1.555	133	151
1979	13	36	22	1.466	1.701	123	60
1980	58	15	7	1.692	1.847	114	110
1981	30	51	39	2.42	2.113	69	147

Fonte: Departamento de Estatística — CERIS.

na pobreza ainda 70% ao menos de sua população. Também a difusão da escola, embora com oportunidades muito desiguais, e a penetração dos meios de comunicação social criam novas condições culturais e influenciam profundamente a juventude. São todos dados que a nova Pastoral Vocacional não poderá ignorar.

4. Novas perspectivas

Desde 1975, timidamente, e desde 1978, com vigor, o número das vocações volta a crescer, bem como o número dos seminaristas e das ordenações sacerdotais. Hoje o número dos seminaristas maiores é de mais de 5.000, o que representa, proporcionalmente, um número igual ao da fase já atingida no passado por volta de 1960.

Também a Pastoral Vocacional retoma forças e dinamismo, após alguns anos de incerteza ou de trabalho menos imediatamente eficaz.

As razões daquela que muitos consideram a "superação da Crise" não estão totalmente esclarecidas. Estamos também envolvidos tão de perto nesses acontecimentos, que nos falta a distância necessária para analisá-los corretamente.

De qualquer forma, estão emergindo novas situações que trazem à Pastoral Vocacional novo elã e novas diretrizes.

No conjunto da renovação pastoral e de uma Igreja marcada pela "comunhão e participação" (Puebla, 1979), emerge um novo estilo de padre não mais monopolizador do ministério, mas animador e coordenador de uma comunidade "toda ministerial". Um estilo de padre que, na li-

nha do Concílio Vaticano II e da solidariedade vivida e sofrida em anos de lutas comuns, está presente no meio do povo, não segregado dele, e assume como pastor também a dimensão social e política de seu compromisso evangélico (cf. *Vida e ministério do presbítero, pastoral vocacional,* doc. n. 20 da CNBB, § 201).

Os Seminários e as Comunidades de formação religiosa, após anos de dificuldades e de experiências nem sempre bem sucedidas, estão consolidando seu trabalho de formação.

Estimulado também pela palavra do Santo Padre, particularmente em sua viagem pelo Brasil, em 1980, o Episcopado Brasileiro tem dado uma atenção especial à Pastoral Vocacional na Assembléia Geral da CNBB de fevereiro de 1981 e tem convocado a Igreja toda para o Ano Vocacional de 1983.

As reflexões e diretrizes que traçamos a seguir também pretendem intensificar e orientar a Pastoral Vocacional. Elas procuram, quanto possível, assumir e prolongar os esforços realizados até aqui por aqueles que se dedicaram à Pastoral Vocacional em nosso País.

II — ELEMENTOS DE TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

Nesta segunda parte, vamos expor as linhas fundamentais de uma *teologia* da vocação. A exposição será *breve,* pois nosso objetivo não é escrever mais um tratado. Basta-nos dar uma *orientação* concreta e essencial. Quem desejar desenvolver, aprofundar ou ilustrar cada um desses ítens, poderá recorrer aos livros e documentos indicados na Bibliografia.

Esta segunda parte está dividida em pequenos capítulos. Cada um deles procura responder, de um ponto de vista teológico, às seguintes questões:

1. O que é vocação?
2. Quais são as diversas vocações?
3. Como discernir uma vocação?

1. O que é vocação?

1.1 — *O sentido da palavra*

A palavra "vocação" deriva de uma palavra latina que significa "chamado". Hoje ela significa, mais que isso, uma "inclinação" ou "aptidão" da pessoa para fazer alguma coisa ou para ser alguém. Num sentido mais específico, na Igreja, "vocação" é o apelo de Deus que chama

uma pessoa para uma missão ou serviço. É nesse sentido que usaremos aqui a palavra "vocação".

1.2 — *A vocação na Bíblia*

Não se pode falar de "vocação" em termos genéricos, como se existisse uma "vocação" humana em geral e, depois, diversos tipos de vocações específicas (religiosas, profissionais, artísticas etc.).

A "vocação" não é algo que o homem criou ou descobriu. A "vocação" é a experiência, historicamente situada, que certos homens e mulheres fizeram da iniciativa de Deus. É Deus que chama livremente. Ele não deve submeter-se a esquemas humanos. Ele chama *quem, como* e *quando* quer.

Por isso, só podemos contar a *história* das vocações. Essa história é contada, antes de tudo, na Bíblia que fala das vocações decisivas para a formação do antigo povo de Deus e da Igreja.

> Também a história da Igreja, depois dos tempos apostólicos e do Novo Testamento, é extremamente rica e significativa para a história das vocações. Dos grandes santos (Agostinho, Bento, Francisco, Catarina, Inácio, Teresa, Vicente de Paulo...) aos humildes e inúmeros servidores dos irmãos, Deus continua chamando e suscitando novos tipos de "vocações". Aqui não é possível desenvolver esse aspecto, que, porém, não deve ser omitido na Orientação Vocacional e sobre o qual damos mais informações na Bibliografia.

A partir da Bíblia e de seus "relatos de vocação", vamos falar sobre o que é vocação. À luz da Bíblia, será possível entender melhor também certas dimensões antropológicas, permanentes ou gerais, da "vocação", de que falaremos no 2º capítulo.

1.3 — *A vocação da pessoa e a eleição do povo*

Na Bíblia, o chamado ou "vocação" de uma pessoa por parte de Deus é inseparável do chamado ou "eleição" do povo: o povo de Deus, o povo de Israel (cf. Dt 7,6 e a nota da "Bíblia de Jerusalém").

O pano de fundo da história da salvação é a dispersão de Babel, o destino dos homens divididos e oprimidos: "Foi lá que Deus confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que os dispersou sobre toda a face da terra" (Gn 11,9).

De repente, o plano de Deus, que visa a "abençoar todas as tribos da terra" (Gn 12,3), concentra-se numa pessoa que é chamada: Abraão (Gn 12,1).

Mais tarde, outro decisivo passo no plano de Deus e na formação do seu povo, a libertação do Egito, é dado com a vocação de Moisés (Ex 3,4s). A conquista da Terra Prometida é marcada pela liderança de Josué (Js 1,1). Outras etapas decisivas da história de Israel são marcadas por "vocações": a de Gedeão, no tempo dos Juízes (Jz 6,11s); a de Davi, no tempo dos Reis (1Sm 16,12ss); a de Isaías (Is 6,1s) e Jeremias (Jr 1,1s) no tempo dos profetas...

O Espírito de Deus fala a seu povo também por meio de profetas, desde Maria, irmã de Moisés e de

Aarão (Ex 15,20), até Débora (Jz 4,4) e Hulda (2Rs 22, 14). E vence os inimigos do seu povo "por mão de uma mulher", como Jael (Jz 4,9-23) ou Judite, símbolo da proteção de Deus para seu povo (Jd 16,5). Até que o Salvador, Jesus, nasça do "sim" de Maria ao chamado de Deus (Lc 1,38).

Jesus chama os Doze (Mt 4,18s;10,1s; cf. Jo 1,35-51). E os Apóstolos, após a Ascensão de Jesus, convocaram outros para servirem à Igreja: Matias (At 1,15-26), os Sete (At 6,1-7), Paulo e Barnabé (At 13,1-3) e outros.

Todas essas vocações estão voltadas para a realização do plano de Deus, que abrange toda a humanidade e que tem como instrumento ou mediador o "povo eleito".

As vocações dos grandes enviados de Deus, líderes e profetas, não são só "para" o povo. Mais do que isso: são a expressão, por assim dizer concentrada, da "vocação" de todo o povo e de cada um de seus membros. Isto é verdade mesmo quando o povo resiste à sua vocação, recusa os apelos de Deus e se afasta do bom caminho. Neste caso, o profeta é chamado a testemunhar, tragicamente, que os caminhos do povo não são os caminhos de Deus (Is 8,11; cf. 6,9-10).

1.4 — *O essencial é a missão*

A relação entre vocação pessoal e a eleição do povo se revela também na *missão*.

A missão é o elemento central e essencial da vocação na Bíblia. Quando alguém é chamado por Deus, sempre é chamado *para* alguma coisa; sempre recebe uma *missão*.

A própria estrutura literária dos relatos de vocação

da Bíblia evidencia esse fato. Na Bíblia há um esquema fixo de relatos de vocação com cinco partes:

1. a introdução: as circunstâncias em que se deu o fato;
2. a teofania: a manifestação de Deus;
3. a missão: o encargo ou tarefa confiada à pessoa;
4. o sinal de credibilidade: o que prova, para o povo ou para o eleito, a legitimidade da missão;
5. a conclusão: geralmente confirma a missão e garante que ela se realizará graças à assistência de de Deus.

Como se vê, a *missão* está no centro. Não é a pessoa que está em evidência. Tanto menos, suas aspirações ou seus projetos. Não é nem mesmo sua relação com Deus. O centro mesmo é a *missão,* a tarefa que Deus quer realizar através da pessoa que escolheu. É isso que determina a "vocação". É daí que decorrem todas as conseqüências.

A missão consiste, geralmente, em realizar algo em benefício do povo, que atenda às suas necessidades e revele a presença atuante de Deus. Moisés é enviado para fazer sair o povo judeu do Egito e libertá-lo da opressão (Ex 3,9-10). Josué recebe a tarefa de guiar o povo além do Jordão, para ocupar a terra prometida (Js 1,1-11). Samuel é chamado para ser profeta, chefe e libertador do seu povo (1Sm 3,1-20;7,2-17). Elias, Isaías, Jeremias, Ezequiel são enviados para anunciar o castigo a um povo rebelde, mas também para proclamar o caminho da conversão e do perdão. "Eu te constituo sobre as nações... para arrancar e para destruir..., para construir e para plantar" (Jr 1,10).

Essa missão é *serviço,* que exige o sacrifício do *servidor,* como identifica a si mesmo o anônimo e extraordinário profeta do "Deutero-Isaías" (cf. Is 42,1;49,3;52,13). É assim que o próprio Jesus entendeu sua própria missão: "eu vim para *servir e dar a vida*" (Mc 10,45; cf. Lc 22,27).

1.5 — *A vocação faz a pessoa*

A iniciativa é, pois, de Deus. A Bíblia até faz questão de frisar isso, mostrando que o homem, muitas vezes, resiste ao chamado de Deus. Aquele que é chamado não se sente capaz de realizar a missão que lhe é confiada. Tem medo dela. Tenta subtrair-se, fugir, esquivar-se (veja, por exemplo, Ex 4,1-10; 1Rs 19,3; Jr 1,7-8). Mas a vontade de Deus é irresistível e a ela se dobra a vontade daquele que foi chamado, mesmo quando seus interesses e projetos eram outros (Am 3,3-8;7,14-15).

Aquele que é chamado, a partir da hora em que escutou o chamado ou dele tomou consciência, é também alguém profundamente *marcado,* e transformado. A partir daí, a "vocação" unifica sua ação, ilumina e determina sua vida, torna-se o centro e o impulso anterior de sua experiência. Se a personalidade é a capacidade da pessoa de dar unidade a seus atos, deixando de ser um joguete no meio dos acontecimentos ou nas mãos dos outros, pode-se dizer que a "vocação" cria personalidade. Faz do indivíduo, perdido no meio da massa, uma *pessoa.*

A transformação da pessoa pela vocação é expressa, às vezes, pela *mudança do nome.* O novo nome é símbolo ou expressão da *missão* recebida. Assim Abrão passa a se

chamar Abraão, que significa "pai de uma multidão" de povos (cf. Gn 17,5). Jacó se torna Israel, "forte contra Deus" (Gn 32,29). Simão se torna Pedro, a rocha sobre a qual Cristo edifica a Igreja (Mt 16,18).

Esta transformação, contudo, não se realiza de uma só vez. A "vocação", como experiência inicial e fundamental do chamado, deve tornar-se uma fidelidade permanente, capaz de superar obstáculos e decepções. Mesmo os grandes profetas, até Jesus, experimentaram horas de pensar no desencorajamento de Elias (1Rs 19,3-4), nos sofrimentos de Jeremias, que parece amaldiçoar o dia em que veio à luz (Jr 20,14-18), na hora do Getsêmani (Mt 26,36; Lc 22,39-44).

Nessas horas, é a vocação inicial e a promessa de Deus ("eu estarei contigo") que sustenta o escolhido e faz prosseguir pelo caminho, fielmente, mesmo na provação. Muitas vezes a "vocação" é uma caminhada, da qual se conhece o ponto de partida, mas que não se sabe onde vai levar.

1.6 — *Deus chama pelos acontecimentos*

Os grandes relatos da vocação da Bíblia (Abraão, Moisés, Gedeão, Davi, Isaías, Jeremias...) apresentam Deus que chama direta e imediatamente os escolhidos. Com isso sublinham uma verdade de *todas* as vocações: é sempre Deus que chama.

A maioria das vezes, mesmo na história contada pela Bíblia, Deus *não* chama *diretamente*. Deus se serve de mediações, especialmente de duas: a mediação da *história* (as situações, os acontecimentos) e a mediação das *pessoas*.

Mesmo nas vocações dos grandes personagens, que a Bíblia apresenta como chamados diretamente pelo Senhor, Deus não dispensa a mediação dos acontecimentos e das situações. Por exemplo: Moisés é sacudido pela vista da opressão de seus irmãos (Ex 2,11-12); Gedeão é angustiado pela desgraça do povo, vítima dos madianitas (Jz 6, 1-13); os profetas estão chocados pela corrupção, as injustiças e as idolatrias (cf. Amós, Oséias, Isaías...).

Diante dessas situações, começam a surgir as *inquietações* e as *perguntas*. E é na fé em Javé, no Deus dos pais, que eles procuram uma resposta. Olham os acontecimentos com um *olhar de fé*. "Se Javé está conosco, por que nos acontece tudo isso?" (Jz 6,13). A primeira resposta tenta lançar a responsabilidade sobre o próprio Deus. "Não nos fez Javé subir do Egito? E agora Javé nos abandonou e nos deixou cair nas mãos de Madiã..." (Jz 6,13). Mas logo após, a pessoa se interroga, começa a se sentir *interpelada* pessoalmente. Percebe que o desafio é uma missão que ela recebe, que pode assumir. "Vai com a força que te anima e salvarás Israel" (Jz 6,14). Deus se torna presente *enviando* aquele que chamou, aquele que despertou para a ação. A visão da realidade ou do sofrimento dos irmãos — visão iluminada pelo Espírito de Deus — se torna um apelo de Deus, um chamado ao qual o homem não pode mais se subtrair. "Não sou eu quem te envia?" (Jz 6,14).

1.7 — *Deus chama pelas pessoas*

Deus não fala só pelos *acontecimentos*. Deus fala pelas *pessoas*. Aliás, os próprios acontecimentos se tornam

falantes para a maioria através da *palavra* de um profeta ou de alguém que sabe interpretá-los.

Os exemplos de vocações, em que Deus chama alguém ou muitos através de outra pessoa, são numerosos. Na própria vida do Apóstolo Paulo, que se considerava pessoalmente chamado por Deus (Rm 1,1) e não por intermédio de homens (Gl 1,1), aparecem *mediações humanas,* como a de Ananias (At 22,12-16) e a da comunidade de Antioquia (At 13,1-3). João Batista, segundo o evangelho de João (Jo 1,35-37), encaminha seus discípulos a Jesus. Eles, por sua vez, chamam a outros: André convida Simão Pedro (1,40-42). Jesus chama Filipe e Filipe Natanael (Jo 1,43-45). Assim se estabelece como que uma corrente de chamados.

Os grandes líderes escolhem colaboradores: Moisés chama Aarão (Ex 4,14-31) e setenta anciãos (Nm 11,16; cf. Ex 18,13s; Dt 1,9s). Elias transmite sua missão a Eliseu (2Rs 2,1-15). Os apóstolos escolhem Matias e, depois, os Sete; e assim por diante.

O encontro com alguém que foi chamado por Deus se torna um *novo chamado.* O contato com um "vocacionado" faz surgir *novas vocações.* Mais exatamente, é a "missão" que alguém recebeu de Deus que é transmitida a outro. Aqui também é a missão que importa. A Bíblia não apresenta uma "personalidade" como modelo para outros. Fala de uma *missão* que não pode ser interrompida.

1.8 — *As vocações hoje*

Vimos o que é "vocação" segundo a Bíblia. Resumidamente, pode-se dizer que vocação é:

— um chamado de Deus que envolve toda a pessoa do escolhido (mesmo contra seus projetos e inclinações), para realizar uma missão a serviço do povo de Deus;
— este chamado é feito, ordinariamente, através de acontecimentos e de pessoas.

E, hoje, o que é vocação? A vocação, fundamentalmente, conserva as mesmas características das vocações bíblicas?

Cremos que sim. Mas uma das características do chamado de Deus é que passa pela mediação do *momento histórico* e visa a responder às necessidades *atuais* do povo de Deus. Por isso é necessário verificar como e para que Deus chama hoje. E Deus não chama todos à mesma tarefa, embora convoque todos para cooperarem dentro de um único plano de salvação. Quais são, então, as vocações hoje na Igreja? É o assunto do próximo capítulo.

2. Quais são as vocações, hoje?

2.1 — *A vocação humana, cristã, específica*

Nos últimos anos, em muitos lugares, introduziu-se uma distinção entre vocação *humana,* vocação *cristã* e vocação *específica.* A distinção, bem compreendida, tem razão de ser. Não se trata, porém de três vocações, como se cada uma delas pudesse subsistir de forma autônoma, por si mesma. É mais exato pensar que se trata de *três dimensões* da vocação de uma mesma pessoa.

Também as três dimensões não devem ser pensadas como três degraus, de modo que o segundo só poderia ser construído sobre o primeiro, e o terceiro sobre os outros dois. Na realidade, são três aspectos conexos, organicamente ligados; o crescimento ou desenvolvimento de um deve trazer o crescimento ou progresso dos outros.

Em abstrato, pode-se falar separamente de uma vocação a *ser homem*, de uma vocação a *ser cristão* e de uma vocação ao *ministério*, ou ao *sacerdócio*, ou à *vida religiosa*... Na realidade concreta, cada um de nós é chamado a ser, indissoluvelmente, *esta* pessoa humana, que assume no mais íntimo do seu *ser* a fé cristã e a sua vocação específica dentro do plano de Deus. Cada um dos aspectos marcará profundamente os outros aspectos e o conjunto todo.

Feitas estas observações, podemos falar agora da *dimensão humana* ou *antropológica* de toda vocação, da *dimensão cristã* e das vocações *específicas*. Não devemos, porém, esquecer que nenhuma dimensão subsiste separada das outras.

2.2 — *A dimensão antropológica da vocação*

Pode-se falar de *vocação humana*, vocação a "ser homem"? Num sentido bíblico ou cristão, certamente que sim. Na Bíblia, Deus escolhe e, com isso, *chama* o seu povo. A partir da experiência de sua eleição e vocação, o povo de Israel pensou também toda a criação. Deus é aquele que "*chama* à existência as coisas que não existem" (Rm 4,17). É aquele que chama a luz e ela, tremen-

do, obedece (Br 3,33); que chama as estrelas, cada uma por seu nome (Is 40,26; Sl 147,4).

Israel faz experiência da revelação, da palavra de Deus. A mesma palavra que orienta a história do povo é aquela palavra eficaz que, do nada, fez todas as coisas. Deus *disse*: "Haja luz" e houve luz (Gn 1,3).

Assim também Deus disse: "Façamos o homem" (Gn 1,26). E Deus criou o homem. Neste sentido, o homem é *chamado* à existência. Mais do que isso: o homem, criado à imagem de Deus, é chamado à comunhão com ele. Os teólogos cristãos concordam, geralmente, em afirmar que o homem é chamado a ser pessoa, exatamente na relação dialogal com o Criador. Como escreve um deles: "Só o Deus da Bíblia é um Deus pessoal, última e absolutamente pessoal, e este Deus cria o homem, dizendo-lhe "Tu", como uma pessoa espiritual, acima da natureza e da sociedade".

Mas o destino da pessoa humana não é a solidão. Desde o início, Deus procura "companhia" para o homem. A pessoa humana não se realiza senão nas relações *inter-pessoais,* sejam elas as da família, da amizade ou do coleguismo, das comunidades pequenas ou grandes de que participa. O homem é, por natureza, "social". O próprio desenvolvimento da história da humanidade torna mais complexas essas relações e dá uma dimensão mais ampla, "política", ao seu esforço para construir uma sociedade humana. Neste esforço, uma mediação essencial é a do *trabalho,* pelo qual o homem domina o mundo e transforma a natureza, pondo-a a serviço dos projetos humanos.

Nesta vocação "natural" do homem está inscrita, desde sempre, uma vocação superior, o chamado com que Deus convida o homem à comunhão de vida com Ele. É o

chamado que se revela plenamente em Cristo e que faz de Jesus, o Homem-Deus, a revelação e realização do homem na plenitude de sua vocação divina.

> A doutrina cristã sobre o homem, tantas vezes ilustrada no magistério da Igreja, foi expressa recentemente de modo admirável pela Constituição "Gaudium et Spes" do Concílio Vaticano II (cf. sobretudo os nn. 12-39), pelas Conclusões de Puebla (nn. 304-339) e pelas Encíclicas de João Paulo II (*Redemptor Hominis, Dives in Misericordia, Laborem Exercens*), que têm como tema fundamental a antropologia à luz de Cristo.

A vocação cristã ou uma vocação específica não anulam, mas antes ressaltam as dimensões *humanas*, antropológicas, de toda vocação. Em nome de uma vocação específica, nunca se poderão esquecer ou negar as exigências da *natureza* humana, enquanto elas têm origem e fundamento no próprio plano de Deus Criador. Em particular, elemento intrínseco da dignidade humana é a *liberdade* (cf. GS 17; Puebla 321-329). Uma leitura superficial ou apressada da Bíblia não deve fazer pensar que Deus desrespeite, suprima ou violente a *liberdade* daqueles que chama a uma missão.

A vocação é sempre "dialogal", apelo que se dirige à liberdade do outro e que a respeita, mesmo quando pede o sacrifício de si mesmo por uma causa maior. Segundo a tradição bíblica e cristã, a liberdade se sublima no sacrifício ou doação. "Humanidade madura significa fazer uso do dom da liberdade que recebemos do Criador... Esse dom encontra sua plena realização na doação, sem

reservas, de toda a própria pessoa humana...; o melhor uso da liberdade é a caridade que se realiza no dom e no serviço..." (João Paulo II, *Redemptor Hominis*, 21).

A vocação "humana", contudo, não existe, de fato, desligada da vocação "cristã". Todo homem é necessariamente chamado a se realizar em Cristo. Ouçamos, de novo, o Papa João Paulo II: "Aqui se trata do homem em toda a sua verdade, na sua plena dimensão. Não se trata do homem "abstrato", mas real, do homem "concreto", "histórico". Trata-se de "cada" homem, porque cada um foi incluído no mistério da Redenção de Cristo e com cada um Cristo se uniu para sempre através desse Mistério... O homem, assim como é querido por Deus, assim como foi por Ele eternamente "eleito", chamado, destinado à graça e à glória: este é exatamente "todo" homem, o "homem mais concreto", "mais real"; este é o homem em toda a plenitude do mistério do qual se tornou participante em Jesus Cristo..." (RH 13).

2.3 — *Dimensão cristã e eclesial*

Todo homem é inclinado a se realizar em Cristo. Toda vocação tem necessariamente, uma dimensão "cristã". Toda vocação é eclesial. Para o Novo Testamento, o nome dos cristãos é "chamados", vocacionados (cf. Rm 8,28; 1Cor 1,2; Jd 1). Etimologicamente, a própria palavra Igreja (*ek-klesia*) significa "con-vocação".

O Concílio Vaticano II revalorizou a vocação cristã comum (cf. especialmente o n. 32 da "Lumen Gentium"), que tinha sido por muito tempo esquecida ou diminuída,

pela acentuação unilateral de vocações específicas (dos sacerdotes e religiosos, geralmente).

O Concílio revaloriza a *dignidade* de todos os membros do povo de Deus, todos chamados à mesma *missão* (LG 33b) e à *santidade* (LG 32b; 101-102). "Um só é o povo de Deus; (um só Senhor, uma só fé, um só batismo: Ef 4,5); comum é a dignidade dos membros, pela regeneração em Cristo; comum a graça de filhos, comum a graça de perfeição; uma só salvação, uma só esperança e uma caridade indivisa" (LG 32b). "Ainda que, por vontade de Cristo, alguns são constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais, reina, porém, entre todos, igualdade quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os fiéis, em favor da edificação do corpo de Cristo" (LG 32c).

Esta vocação é descrita pelo Concílio, repetidas vezes, como consagração, que faz participar da missão *profética, sacerdotal* e *real* de Cristo (cf. LG 10-13; 25-27; 28; 31; AA 2b). Esta tríplice dimensão da vocação cristã é apresentada pelo Papa João Paulo II, em sua encíclica *Redemptor Hominis,* como uma tríplice dimensão da existência humana. O capítulo IV da Encíclica é uma descrição, entrelaçada, da vocação do homem e da missão da Igreja. Todo homem é chamado a ser responsável pela *verdade* (dimensão profética; cf. RH 19); a realizar a maturidade humana, que é de *reinar* e *servir* (dimensão real; cf. RH 21); a participar da consagração e oferta do mundo em Cristo, como mediador e *sacerdote,* especialmente através dos sacramentos da penitência e eucaristia (dimensão sacerdotal; RH 20).

Há outros modos possíveis de descrever a vocação cristã, que podem ser pedagogicamente aconselháveis na

educação dos jovens e na catequese, para levar à perspectiva bíblica da missão profética, sacerdotal e real do cristão. Entre outros, lembramos a acentuação de *Evangelho e evangelização* desenvolvida pelo Papa Paulo VI na encíclica *Evangelii Nuntiandi* e a perspectiva da *comunhão e participação* ressaltada pelos bispos latino-americanos em Puebla. Também a perspectiva da *libertação* expressa uma dimensão irrenunciável da vocação-missão do cristão (cf. EN 29; Puebla 470-506).

A vocação cristã comum, que é inseparável do dom da fé, é ratificada e forticifada pelos sacramentos da iniciação cristã. Na educação cristã a dimensão "vocacional" deve receber a devida ênfase, de modo a preparar cada um ao desenvolvimento de sua vocação pessoal (cf. GE 2). Para a grande maioria, a vocação pessoal será realizada no âmbito do matrimônio, que também é chamado de sacramento de uma missão procriadora e humanizadora no plano de Deus.

Toda vocação cristã tem uma dimensão apostólica. Os leigos são chamados, na Igreja, ao apostolado: não para suprir a falta de ministros ordenados ou por outras razões extrínsecas, mas em decorrência de sua própria vocação cristã.

2.4 — *Dimensão carismática e pessoal*

A vocação cristã é uma e única. Todo cristão é chamado antes de tudo a ela e nela deve reconhecer sua dignidade fundamental e sua maior alegria. Mas cada um realiza esta vocação comum de *forma pessoal,* segundo seus próprios "dons". A experiência nos mostra que cada

pessoa é uma singularidade inimitável, uma "palavra de Deus irrepetível", pela diversidade das aptidões e qualidades pessoais, bem como das circunstâncias em que cada um vive. Além disso, a teologia cristã, especialmente após o Concílio Vaticano II (cf. LG 12b), voltou a reconhecer que cada um recebe dons especiais do Espírito Santo, ou "carismas".

Como sobriamente adverte o Concílio, os carismas não devem ser confundidos com os dons "eminentes", tanto menos com o entusiasmo pelo maravilhoso. Já nas primeiras comunidades cristãs conheceram excessos de entusiastas, que em nome de pretensos carismas esqueciam a prática dos mandamentos (cf. Mt 7,21-23) ou a cruz de Cristo (cf. Fl 3,18). Por *carismas* entendemos aqui os dons "mais simples e mais amplamente difundidos", com que o Espírito Santo enriquece os cristãos e os dispõe a servir "para a utilidade comum" (1Cor 12,7; cf. LG 12b). A exemplo de Cristo que "veio para servir e não para ser servido" (Mc 10,45; Mt 20,28 etc.), todo cristão é chamado a se colocar a serviço da comunidade eclesial e de todo aquele que necessitar, "próximo" ou "inimigo". Neste sentido, todo cristão é chamado a exercer um "ministério", ao menos em sentido amplo, de forma espontânea, não institucionalizada (cf. 1Cor 12,4-12; Ef 4,11-12; Doc. n. 20 da CNBB, *Vida e ministério do presbítero, pastoral vocacional,* § 133-134).

Todo cristão, pois, é responsável não só pela conservação, mas pela difusão de sua fé e pelo bem-estar de sua comunidade. Pode ser chamado a expressar sua co-responsabilidade oficialmente, participando de organismos representativos (por exemplo, um Conselho Pastoral) ou assu-

mindo, a pedido da autoridade ou da comunidade eclesial, um serviço ou ministério determinado.

Este serviço pode estar mais voltado para a vida interna da comunidade eclesial (como um ministério ligado à liturgia) ou mais voltado para o serviço do mundo, dos necessitados, dos que estão longe da Igreja (uma Comissão de Direitos Humanos, por exemplo). Mas, sempre, qualquer serviço ou ministério terá uma dimensão evangelizadora, de proclamação do Evangelho e de compromisso com a libertação integral do homem.

Após as recentes reformas, a Igreja só reconhece universalmente dois ministérios "instituídos": o Leitor e o Acólito, ambos relacionados com a celebração da liturgia, especialmente da Santa Missa. As conferências episcopais e as igrejas locais podem promover e reconhecer outros ministérios. De fato, com os Papas Paulo VI (cf. EN 73) e João Paulo II (cf. PPBr 12,60) nos alegramos pela multiplicação de novos ministérios confiados aos leigos, particularmente em nossas igrejas no Brasil. Nelas presenciamos um florescimento extraordinário desses ministérios e uma generosa dedicação de homens e mulheres ao apostolado.

2.5 — *Os ministérios ordenados*

A própria multiplicação de ministérios e a maior participação de todos os fiéis na missão da Igreja exigem um ministério superior, que supervisione e dirija, com a autoridade que lhe vem de Cristo, a comunidade e os diversos ministros. A necessidade desse ministério é bem explicada pelo Apóstolo Paulo.

Entre os diversos ministérios e carismas, Deus mesmo estabeleceu uma ordem ou hierarquia, que tem por função fazer convergir toda a comunidade ("os santos") na edificação do corpo de Cristo: "É ele que concedeu a uns ser apóstolos, outros profetas, outros evangelistas, outros pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos em vista do minitério, para a edificação do Corpo de Cristo" (Ef 4, 11-12).

Esse ministério divinamente instituído, essencial e permanente na Igreja, é chamado "hierárquico" ou "ordenado", porque conferido pelo sacramento da Ordem. Desde a antigüidade (como diz o Concílio em LG 28, isto é, desde o século II) esse ministério é exercido por Bispos, Presbíteros e Diáconos.

2.5.1 — *O episcopado*

Em cada Igreja local ou Diocese, o Bispo torna presente o ministério de Cristo, como Cabeça de seu corpo. O Bispo é sinal da unidade desta Igreja, que se manifesta especialmente na assembléia eucarística, onde o Espírito de Cristo reúne pelo Evangelho e para a celebração do sacramento a comunidade cristão com seu pastor. O Bispo é também co-responsável — com os demais bispos, sob a autoridade do Bispo de Roma, o Papa — pela Igreja universal e pela união de sua Igreja local ou Diocese com as outras igrejas locais.

A primeira missão do Bispo é evangelizar, pregar a Palavra de Deus, manter viva a fé de sua comunidade. Por isso também deve vigiar pela fidelidade à doutrina dos Apóstolos e ao Magistério da Igreja universal. Todas

as principais funções do ministério eclesial encontram no Bispo o seu coordenador e o seu responsável último. Dele também deve vir o exemplo do serviço, da dedicação generosa e fiel à missão e à comunidade, segundo o exemplo de Cristo que ele representa.

Pode-se falar de "vocação" ao episcopado? No sentido comum da palavra "vocação", ou seja, como desejo, inclinação, não. Mas num sentido mais tradicional e profundo, o "chamado" ao episcopado é modelo de toda vocação ministerial. O Bispo é escolhido pela Igreja (hoje pelo Papa, através da consulta a outros bispos e a padres e fiéis da diocese interessada). É a Igreja que convoca a pessoa que julga escolhida por Deus e por Ele dotada das qualidades necessárias ao ministério episcopal. E na Igreja local é, pois, o próprio Bispo o responsável pelo chamado ao ministério dos candidatos que julgar aptos para serem ordenados presbíteros ou diáconos.

2.5.2 — *O presbiterato*

O presbítero, ou padre, é chamado a assumir o ministério hierárquico em grau subordinado. Isto significa que ele é convocado para fazer parte do presbitério (o clero de uma diocese), chefiado por um Bispo. Ele desempenhará as funções que o Bispo (ou o presbitério) lhe atribuir. Desde uma época muito antiga (concretamente, desde o século IV), são confiadas aos presbíteros as paróquias ou comunidades menores. Nelas o presbítero exerce as funções que, durante algum tempo, foram reservadas unicamente ao Bispo, como a pregação do Evangelho na assembléia litúrgica, a presidência da Eucaristia e o mi-

nistério da Penitência (com o poder de absolvição dos pecados). O presbítero se torna assim o representante de Cristo face à sua comunidade e como que o "pai" (padre!) dela, enquanto pelos sacramentos da fé gera os fiéis para a vida cristã. Na comunidade, o presbítero é sinal da unidade de todos os fiéis em Cristo, do qual são membros, e sinal de unidade da paróquia ou comunidade local com o Bispo e a Diocese e, por isso, com a Igreja de todos os lugares e de todos os tempos.

Além da responsabilidade pela direção de uma paróquia ou de uma comunidade territorial, o presbítero pode ser chamado pelo Bispo para assumir tarefas de evangelização ou pastoral em áreas específicas ou setores da vida eclesial (por exemplo: pastoral de juventude; pastoral carcerária; capelanias de colégios; hospitais; militares; coordenação da pastoral de conjunto etc.). Em todos esses casos, o presbítero exerce o seu ministério profético, sacerdotal e pastoral, e é sinal e vínculo da união daquele setor ou daquela atividade com toda a Igreja.

A dedicação total e fiel do presbítero à sua comunidade se expressa, na Igreja ocidental, pelo compromisso do celibato, assumido como sinal do Reino (isto é, de uma disponibilidade exclusiva ao amor de Deus, que antecipa agora a condição definitiva da eternidade) e, simultaneamente, como manifestação e condição da disponibilidade efetiva à comunidade que serve.

A espiritualidade do presbítero, conforme também o Concílio (cf. PO) e Puebla (cf. nn. 690-696; 711-714), inspira-se em Jesus Cristo, como Bom Pastor do rebanho que o Pai lhe confiou (cf. Jo 10; Hb 13,20; 1Pd 5,4), e nos pastores da Igreja apostólica (At 20,28; Ef 4,11; 1Pd 2,25; 5,1-3). Espiritualidade exigente, que pede ao pastor que

partilhe da vida e das lutas de suas ovelhas e dê, se preciso for, a vida por elas (cf. Jo 10,11).

Durante a história, como vimos, o modo de atuar do presbítero pode mudar. Num passado ainda recente, enfatizava-se o cuidado pessoal e a execução direta das tarefas do ministério, o que levava o padre a uma concentração excessiva de responsabilidades pequenas e grandes, num quase monopólio do ministério. Hoje, no contexto de uma Igreja "toda ministerial", razões teológicas e práticas impõem ao presbítero que assuma mais nitidamente seu papel específico. Ele deve animar e coordenar os diversos ministérios necessários para que a comunidade possa viver e desenvolver sua fé e sua missão.

Uma função essencial do ministério presbiteral na atualidade é orientar a comunidade cristã face às mudanças da sociedade, aos seus conflitos, ao seu crescente pluralismo ideológico. Isto exige uma formação intelectual e humana mais aprofundada e mais sólida, que torne o padre capaz não só de repetir fórmulas ou executar ritos, mas de interpretar a realidade em transformação e de criar novas expressões de vida cristã.

2.5.3 — *O diaconato*

O diaconato constitui o terceiro grau do ministério ordenado. Ele pode ser realizado em duas formas diferentes:

a) como etapa de preparação para o presbiterato; neste caso é assumido por um prazo geralmente breve e comporta o compromisso do celibato;

b) como ministério permanente e definitivo; neste caso pode ser conferido também a homens casados.

De qualquer forma, o diaconato expressa e realiza na Igreja a dimensão fundamental e mais simples de todo ministério ordenado: é uma disponibilidade a servir permanentemente a comunidade, imitando o Cristo "servidor" ("diácono" em grego; cf. Jo 13,2-16). Tradicionalmente, o diácono pode assumir na Igreja, em nome e por mandato do Bispo, tanto serviços humildes e tarefas caritativas como a pregação do Evangelho. Hoje se enfatiza o papel do diácono como animador de comunidades ou responsável pela pastoral de áreas específicas. Não pode, porém, presidir à Eucaristia ou perdoar os pecados.

2.6 — *As vocações consagradas*

As vocações tipicamente ministeriais não são separadas das vocações que poderíamos chamar de *aprofundamento* ou *radicalização* da vida cristã comum. É verdade que, em algumas épocas ou áreas da Igreja, predominou uma tendência a isolar, mesmo fisicamente, as vocações contemplativas e mesmo todas as que buscavam uma vivência radical da castidade, pobreza e obediência ("monacato" e consagração religiosa). O mais das vezes, porém, as vocações "religiosas" se fundem harmoniosamente, na mesma pessoa ou comunidade, com o espírito apostólico e o ministério pastoral. Isso é particularmente conveniente em certas situações, como a do Brasil, onde mais de 60% dos presbíteros pertencem ao clero religioso e as congregações religiosas, masculinas ou femininas, desempenham boa parte das tarefas pastorais.

As formas de vida consagrada, na história e na atualidade, são múltiplas. Em primeiro lugar, temos as diversas formas, antigas e novas, de *vida religiosa* inspirada nos conselhos evangélicos da castidade, pobreza e obediência. Embora todos os cristãos sejam chamados a realizar em sua vida, de algum modo, à espiritualidade evangélica, alguns assumem pública e definitivamente o compromissão da consagração a Deus e aos irmãos, tornando-se sinal da missão de toda a Igreja e da presença no Reino.

Muitas vezes, por um especial carisma de seus membros ou de seus fundadores, as comunidades religiosas assumem a tarefa de testemunhar a misericórdia de Deus e a fé no Evangelho junto a grupos humanos e a situações difíceis, que exigem uma generosidade heróica. Outras vezes, os votos de pobreza e castidade garantem ao religioso a liberdade necessária para testemunhar o Evangelho face às pressões de estruturas sociais, que tanto pela sedução do dinheiro e do prazer, quanto pelas ameaças e a violência, tentam combater e sufocar todo esforço pela justiça e a libertação dos oprimidos.

Assim, as comunidades religiosas podem estimular e sustentar tanto as dimensões fundamentais e tradicionais da vida cristã (oração, liturgia, catequese, educação cristã, caridade) quanto a resposta cristã aos novos desafios de uma sociedade em mudança e às necessidades mais esquecidas dos pobres.

Mais recentemente, uma nova forma de vida consagrada se organizou nos *Institutos Seculares*. Eles exigem também um pleno compromisso de vida evangélica na pobreza, castidade e obediência. Mas esta vida é realizada "no mundo", nas condições comuns da vida "secular". Assim os membros dos Institutos Seculares podem santi-

ficar e transformar as realidades terrestres e realizar sua missão apostólica, "mudando o mundo a partir de dentro" (João Paulo II).

Há outras formas de vida consagrada individual ou comunitária, algumas mais tradicionais, outras emergentes, que se concretizam localmente, de maneira simples e ágil, junto a uma Diocese ou a uma Comunidade, a partir da tomada de consciência de novos apelos de Deus.

Aliás, Deus continua suscitando novas formas de vida consagrada, através de novos carismas e vocações. A Igreja não pode delimitar ou definir de antemão as possibilidades da vida consagrada. Antes, ela deve dispor-se a acolher e reconhecer como um dom as novas vocações e formas de realização, que Deus suscita dia-a-dia.

Especial consideração merece a vocação *missionária*, pela qual padres, religiosos(as) e leigos(as) deixam sua comunidade de origem para se dedicarem à evangelização de outros povos ou para colaborarem com Igrejas-irmãs de regiões afastadas. Pelas renúncias que supõe e pela exigência de encarnação em outras culturas, a vocação missionária é a expressão por excelência de uma dimensão de todo apostolado: o esforço para ir ao encontro do outro, assim como Cristo, enviado do Pai, renunciando à sua condição divina, veio ao encontro da condição humana (cf. Fl 2,6-11).

2.7 — *Vocação pessoal e comunidade*

Afinal o que importa é encontrar os meios para ajudar a *pessoa* a discernir ou reconhecer sua vocação, o

chamado que Deus dirige a ela e só a ela. Em outras palavras, mesmo se existe uma hierarquia ou uma ordem objetiva das "vocações e funções na Igreja", o critério não é escolher ou preferir a vocação "mais alta" ou "mais perfeita". O critério é reconhecer o que Deus quer *de mim*. O que não significa que o critério é o *meu* gosto ou *minha* decisão subjetiva, minha inclinação ou preferência. Se, como veremos, é legítimo e oportuno que, na determinação das formas concretas de realização de sua vocação cristã, cada um leve seriamente em conta suas aptidões e preferências, de outro lado deve ficar bem claro que, na linha do "serviço" e da doação, a vocação cristã é atenta e *disponível às necessidades da comunidade* e de sua missão, mesmo quando estas contrariam ou superam as inclinações do vocacionado. Principalmente as vocações ministeriais não são, nem podiam ser, questões de gostos pessoais.

Na história da Igreja houve certa oscilação entre dois extremos: o da Igreja antiga, que julgava que a vontade da comunidade devia prevalecer sobre a vontade individual, e o da época moderna, que chegou às vezes a confundir "vocação" com gosto ou sentimento pessoal.

Teologicamente, é conveniente recordar que o mais alto grau do ministério hierárquico, o episcopado, conservou de forma mais pura o antigo conceito de *vocação*, como chamado daquele que a Igreja reconhece como destinado por Deus ao encargo e dotado dos carismas ou dos dons necessários para sua função.

Pedagogicamente, será interessante procurar um equilíbrio entre o chamado da comunidade — e, em última instância, do Bispo, que tem direito a pedir e, de algum modo, a exigir os serviços daqueles e daquelas que julga

necessários ao ministério — e a "vocação" (no sentido moderno) da pessoa, suas inclinações e disponibilidade, suas aptidões e dons. De qualquer forma, não se pode dizer que há "vocação" ao ministério hierárquico ou sacerdotal até quando realmente, em nome de Deus, o Bispo chame o candidato. "Não fostes vós que escolhestes a mim, mas eu que escolhi a vós" (Jo 15,16; OT 2c; PO 11, nota 66).

3. Como discernir uma vocação?

3.1 — *Por que o discernimento?*

Muitos — adolescentes, jovens e adultos — pedem uma ajuda para reconhecer sua vocação. O papel específico do Orientador Vocacional será assunto de outro capítulo. Aqui vamos reunir algumas indicações que visam a dar, à pessoa do candidato, maior clareza acerca de sua própria vocação.

O fato de que alguém tenha dúvidas ou busque esclarecimentos já de per si justifica a necessidade do "discernimento" vocacional. As razões disso ficam ainda mais claras se investigarmos o dinamismo da vocação.

Como vimos no capítulo 1º, à luz da Bíblia, a vocação não se manifesta *diretamente,* a não ser em casos excepcionais. Deus fala, ordinariamente, pelos acontecimentos e pelas pessoas. Mas nem sempre as situações e os fatos da vida se revestem imediatamente de um significado claro e unívoco para os interessados. Não só pela complexidade e ambivalência de muitas situações. Mas tam-

bém e mais profundamente porque, através dos fatos, Deus se dirige à pessoa em forma de *diálogo,* de interpelação. A pessoa é livre de acolher, ou não, o apelo ou a mensagem. Se ela se engaja no diálogo com Deus, se ela progride pelo caminho que Deus lhe indica, aos poucos irá mais longe e assumirá, cedo ou tarde, a missão que irá reconhecendo como sua.

Estamos diante de um "processo", de uma caminhada, em que pode haver uma etapa mais ou menos longa de "discernimento" da vocação.

Quais são as *atitudes* ou posturas que facilitam o discernimento e que garantem a capacidade de distinguir o autêntico chamado de Deus e os falsos alarmes, as ilusões perigosas?

Embora a história de cada vocação seja essencialmente *pessoal,* pode-se descrever objetivamente algumas atitudes que ajudarão o vocacionado em seu próprio discernimento.

3.2 — *A primeira atitude: a escuta ou a fé*

Se a "vocação" é antes de tudo chamado de Deus, a primeira atitude só pode ser descrita como *escuta.* Aquele que procura reconhecer sua vocação, só pode dizer, como Samuel: "Fala, Senhor, que teu servo escuta!" (1Sm 3,10).

A escuta começa explicitamente com a súplica, a *oração.* Mas o pressuposto dela é a *fé.* Procuramos escutar Deus e pedimos para entender sua palavra porque já despertamos para a fé. Isto é, reconhecemos a presença de Deus na nossa vida, confiamos nele e nele reconhecemos o Senhor ou o Pai que devemos amar e obedecer.

Esta tomada de consciência da fé se realiza, muitas

vezes, na adolescência ou na juventude, numa verdadeira *conversão*. A fé até então infantil, herdada, torna-se um compromisso pessoal, um engajamento adulto. A partir daí, começa-se a olhar a vida com realismo e com profundidade, e nela se reconhecem aos poucos os sinais da presença e da vontade de Deus. É claro que uma reflexão inspirada pela fé, compartilhada com outros, estimulada ou orientada por um educador, pode ajudar a fazer com mais seriedade e eficácia essa leitura da realidade. É claro também que a *conversão* não é simples mudança do olhar ou da mentalidade, mas *novo rumo* dado à caminhada da vida, novos objetivos, novo envolvimento afetivo, crescimento e desenvolvimento da personalidade através do engajamento iluminado pela fé.

3.3 — *A inserção na comunidade eclesial*

A escuta, a fé, a conversão acontecem geralmente dentro de uma comunidade eclesial (seja ela a família, a escola, um grupo de jovens, a CEB, a paróquia...). Se não acontecerem numa comunidade, necessariamente levam a ela.

De qualquer forma, o discernimento da vocação de um cristão só pode se realizar no âmbito de uma experiência eclesial. A riqueza da experiência eclesial oferece múltiplos estímulos e subsídios para o discernimento da vocação pessoal. Queremos apenas destacar aqui dois aspectos:

— de um lado, é o que pode ser chamado o "patrimônio" próprio da Igreja, sua herança, suas riquezas espirituais, especialmente a Palavra de Deus e os Sacramen-

tos (riquezas tanto mais acessíveis quanto mais a comunidade sabe investi-las na vida e dinamizá-las; a simples conservação, como num museu, das relíquias de uma tradição não terá a força para despertar a doação da vida dos jovens, e portanto autênticas vocações cristãs);

— de outro lado, o dinamismo missionário da comunidade, que torna presente no mundo o Evangelho e o testemunho vivo da sua fé, bem como revela o amor de Deus para os homens no serviço que ela presta ao próximo e aos pobres com caridade sincera, lutando pela justiça e a libertação integral.

Se aquele que busca discernir sua vocação não faz de sua fé um engajamento na comunidade eclesial e no serviço dos irmãos, não poderá chegar, ordinariamente, ao discernimento a que aspira. Se assumir realmente um engajamento na ação, isto vai ampliar sua experiência e levá-lo a olhar novos aspectos da vida à luz da fé.

A inserção na comunidade eclesial lhe permite também descobrir e experimentar as novas perspectivas com que a Igreja, no atual momento histórico, enxerga a sua missão no mundo.

3.4 — *Os apelos de Deus pela mediação da Igreja*

Assim, não são só modelos antigos e tradicionais das diversas vocações cristãs que irão orientar aquele que hoje busca discernir a vocação.

Ele encontra, na atuação viva da Igreja de hoje, os pontos de referência de que precisa e a interpretação, à luz da vontade de Deus, dos acontecimentos e situações que está vivendo.

Sem pretender traçar um quadro nem de longe completo, lembramos algumas perspectivas da ação da Igreja hoje, no Brasil, que podem se tornar apelos, mediações do chamado de Deus para muitos jovens:

— A ênfase na evangelização, no anúncio da Palavra do Evangelho àqueles que não tiveram oportunidade de um contato sério com a mensagem de Cristo.

— A ênfase na luta pela justiça, pelos direitos humanos, pela libertação integral do homem.

— A ação solidária e evangelizadora para com as situações sociais e culturais que por séculos foram esquecidas e oprimidas: dos índios, dos negros, dos marginalizados.

— A opção pelos pobres, como conversão profunda de toda a Igreja, prática de austeridade e pobreza de um lado, reconhecimento dos valores evangélicos e dos direitos dos pobres, do outro.

— A coragem e a paciência com que muitos cristãos enfrentam a perseguição por causa da justiça, suportam a violência e a prisão, oferecem a vida no supremo testemunho da fé.

— A dedicação aos doentes, aos deficientes físicos e mentais, aos mais abandonados de todos.

— A fraternidade entre as Igrejas das diversas regiões do País, que leva as Igrejas que dispõem de maiores recursos humanos a partilhá-los com Igrejas-irmãs em estado de missão ou de carência.

— A animação e o serviço das inúmeras comunidades eclesiais de base, que brotam da fé do povo, especialmente no meio rural e na periferia das grandes cidades.

— O engajamento na ação social e política numa perspectiva cristã.

— As novas formas de ação pastoral, ligadas aos desafios e conflitos de meios e classes sociais em mudança:

— pastoral da terra;
— pastoral operária;
— pastoral universitária;
— pastoral da saúde...

— A atuação nos meios de comunicação social, a serviço de uma comunicação autêntica entre as pessoas e os grupos sociais e com vista a um testemunho evangélico.

— A atuação no planejamento pastoral e na pastoral de conjunto, nos organismos de coordenação e de serviço, em apoio a uma pastoral que expresse organicamente a comunhão intra e intereclesial.

Estas perspectivas, e outras ainda que poderiam ser lembradas, evocam horizontes concretos da vocação cristã hoje. Dentro delas, cada um é chamado a discernir sua vocação específica, o papel adequado. Para isso considerará suas motivações pessoais e sua maturidade humana.

3.5 — *As "motivações" na busca da vocação*

Na procura do discernimento da vocação, a pessoa é conduzida por motivações interiores. Muitas delas são inconscientes e talvez só um educador ou psicólogo atento possa descobrí-las ou interpretá-las. Outras são conscientes ou, pelo menos, poderão aflorar mais facilmente através da reflexão e, sobretudo, do diálogo e do confronto com um orientador ou um grupo.

Aqui apresentamos alguns tipos de motivações, indicando — embora só esquematicamente — critérios de valor. É claro que uma orientação mais séria e aprofun-

dada neste campo só pode nascer de um contato aberto e prolongado com as pessoas interessadas.

Mencionamos, em primeiro lugar, as motivações *insuficientes ou inadequadas,* que devem ser evitadas ou superadas para que o interessado chegue a uma motivação válida e madura.

Motivações inválidas ou pelo menos imaturas são aquelas marcadamente *infantis.* Podem ser reconhecidas porque são fortemente *emocionais,* mesmo fantasiosas, sem fundamento realista, e *egocêntricas.* Revelam claramente a procura e proteção, segurança pessoal, proveito próprio, de forma imediatista.

Motivações *insuficientes* são também aquelas que se prendem a aspectos reais, mas parciais, da vocação (seja ela ao ministério sacerdotal, à vida religiosa etc.). Por exemplo: motivações ligadas a um único aspecto da vida que as pessoas pretendem abraçar (a solidão, o estudo, o hábito... ou só o engajamento político, só a justiça social) ou motivações ligadas à *fuga* face a uma realidade (desejo de se afastar da família, medo do casamento ou de assumir uma responsabilidade pessoal).

Motivações *inadequadas,* embora não intrinsecamente más, são aquelas que não se ligam à essência da vocação, mas predominantemente a benefícios ou conseqüencias que esperam dela (por exemplo: escolha da vida religiosa ou do Seminário como meio para realizar estudos superiores, para alcançar "status" ou uma posição superior à da família de origem etc.). Essas motivações não devem ser rejeitadas *a priori.* Mas não se deve descuidar de um sério trabalho educacional, para ajudar a pessoa a chegar a motivações profundas e evangélicas ou à opção por outro estado de vida.

Motivações *inadequadas* são também aquelas, aparentemente mais sérias, cercadas até o rigorismo e austeridade moral, onde predomina excessivamente o sentido da *obrigação* ou do dever, mas faltam alegria e liberdade interior de quem realmente assumiu sua opção. Atrás dessas motivações pode haver pressões ou traumas psicológicos, geralmente inconscientes (desejo de a mãe ver o filho padre; traumas no desenvolvimento infantil etc.).

Motivação *madura* e *adequada* é, antes de tudo, aquela que brota num clima de liberdade, que é integrada num desenvolvimento equilibrado da personalidade e tem motivos efetivamente ligados à essência da vocação, percebidos com realismo.

Em seus documentos oficiais, a Igreja exige basicamente duas condições para a autenticidade da motivação e das disposições do sujeito: a "liberdade de escolha" e a "retidão de intenções".

Parece-nos prudente que tais disposições, bem como a autenticidade das motivações, sejam verificadas através de um período de reflexão e tirocínio. Através dele o vocacionado deve ter condições para verificar, com seus orientadores, a solidez de sua motivação e escolha. A pressa, ao contrário, poderia facilmente levar a conclusões falsas e ilusórias, que mais tarde se revelariam frágeis e prejudiciais.

3.6 — *A maturidade psicológica*

Os principais sinais que permitem discernir a vocação vêm dos acontecimentos e, particularmente, da capacidade de interpretá-los à luz da fé, numa inserção e par-

ticipação ativa na comunidade eclesial. Não devem, porém, como vimos, ser desprezadas as motivações interiores e finalmente, como veremos, a maturidade psicológica.

Não se trata, cremos, de exigir uma perfeita integração da personalidade ou um desenvolvimento psíquico ideal, como condição prévia para assumir a vocação cristã ou uma vocação específica. Trata-se de garantir um mínimo de condições, para que haja não só a liberdade de escolha que já mencionamos, mas a garantia de uma aptidão básica ao desempenho das responsabilidades assumidas e de fidelidade ou perseverança.

A maturidade psicológica que oferece essas garantias pode ser descrita como o desenvolvimento equilibrado e integrado dos principais aspectos da personalidade, tais como o emocional, o sexual, o social, o intelectual e o moral.

Do ponto de vista *emocional,* maturidade significa:

— capacidade de expressar as emoções de forma positiva e construtiva (não descontrolada, destrutiva, negativa);

— capacidade de interpretar objetivamente as emoções e de enfrentar problemas e conflitos, sem fuga;

— capacidade de manter um padrão de comportamento relativamente uniforme (sem reações imprevisíveis) e não deixar o juízo ser dominado pela emoção;

— capacidade de refletir (e não só de "sentir") e capacidade de aceitar a si mesmo.

Do ponto de vista *sexual,* maturidade significa:

— aceitação normal da própria identidade sexual;

— interesse normal por pessoas de outro sexo;

— aceitação do celibato como expressão de entrega total.

Do ponto de vista *social:*

— não depender das opiniões dos outros e das modas do momento, conservando a independência da própria personalidade, num equilíbrio entre valores pessoais e sociais;

— esforço para ser sincero, autêntico;

— sentimento de ser aceito pelos outros;

— relações sociais estáveis, sem dificuldades freqüentes;

— interesse pela cooperação e atividade de grupo (não individualismo!).

Do ponto de vista *intelectual* e *moral:*

— interesse em compreender os princípios gerais;

— busca da evidência ou comprovação antes de aceitar a verdade;

— desejo de perceber o sentido das ações (e não "fazer por fazer");

— poucos interesses, mas estáveis (e não muitos interesses de curta duração!);

— consciência crítica, não ingênua;

— conduta dependente de princípios morais e de um ideal (não dependente dos outros ou de modelos aprendidos);

— conduta baseada sobre a consciência pessoal da responsabilidade e do dever.

Mesmo tendo adquirido os traços da maturidade psicológica, o vocacionado precisa de ajuda para aprofundar suas motivações, interpretar os sinais do chamado de Deus, discernir seu lugar na Igreja. Esta ajuda pode vir da comunidade e especialmente da organização da Pastoral Vocacional e da ajuda do Orientador Vocacional.

III — A PASTORAL VOCACIONAL NA IGREJA PARTICULAR

1. Condições básicas

A promoção da Pastoral Vocacional é parte integrante do ministério de uma Igreja Particular, como condição necessária e garantia da continuidade da missão.

Assim a Pastoral Vocacional, em seu sentido mais amplo de suscitar vocações de serviço ao Reino e oferecer condições para seu amadurecimento e exercício, deve ser preocupação de toda a pastoral, de todos os agentes, de todas as comunidades e não apenas de uma equipe diocesana especializada.

Nenhum trabalho específico de um promotor ou equipe vocacional terá condições de verdadeiro sucesso, se não for exercido dentro de um contexto de Igreja Particular, que ofereça um clima de interesse e fidelidade para com a própria vocação da Igreja no mundo.

Essas condições gerais da Pastoral Vocacional podem ser resumidas em quatro grandes linhas: a evangelização, a dimensão comunitária, a educação da fé como serviço aos irmãos, a oração.

1.1 — *Uma Igreja evangelizadora*

A primeira força vocacional de uma Igreja Particular está na vivência explícita e entusiasmada de sua vocação

evangelizadora. "Evangelizar constitui de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, sua mais profunda identidade" (EN 14). E os bispos em Puebla acrescentam que a alegria é uma das notas características da missão evangelizadora (Puebla 383).

Só uma Igreja voltada fortemente para a missão de evangelizar suscita a generosidade das vocações. A consciência e alegria da missão deve ser vivida e percebida em todos os programas, em todas as equipes, em todos os trabalhos pastorais. A evangelização do mundo como um grande e perene desafio constitui o espelho vivo, onde a vocação batismal dos cristãos constantemente se avalia e se questiona. Garantir, pois, um contínuo aprofundamento da missão evangelizadora, atender constantemente a seus desafios concretos em todos os níveis de vida e ação da Igreja Particular, é fazer trabalho vocacional. Igualmente, a maior e mais fundamental colaboração de todos os agentes e equipes de pastoral no trabalho concreto de animação da Pastoral Vocacional é vivenciar sua vocação evangelizadora, seu impulso missionário.

1.2 — *Uma Igreja comunitária*

A comunidade é o ambiente próprio do despertar das vocações. É na vida comunitária que os apelos concretos são sentidos, é na comunidade que se encontram os caminhos de canalização da resposta, como é ainda na comunidade que o apoio dos irmãos é encontrado. Uma Igreja Particular que queira animar sua Pastoral Vocacional deve se colocar como meta constante a intensificação da vida comunitária. *Comunhão* e *participação,* palavras-chave da

reflexão de Puebla, devem encontrar caminhos de concretização em todos os níveis. No nível de base pela animação das comunidades eclesiais de base, da pastoral dos grupos de reflexão e de vida, dos grupos de ação missionária, pela constante renovação comunitária das estruturas paroquiais. No nível de coordenação, pela valorização dos organismos correspondentes (conselhos, equipes de coordenação etc.), buscando sempre maior participação. No nível das decisões globais (definição de Planos Pastorais, elaboração de metas, assembléias etc.), propiciando uma real participação. A co-responsabilidade eclesial, vivida no concreto do dia-a-dia, é clima e condição para uma pastoral vocacional autêntica.

1.3 — *Uma Igreja educadora da fé*

Quando se afirma que toda pastoral da Igreja tem uma dimensão vocacional, não se quer dizer que todos os que trabalham na pastoral devam deixar de lado seu objetivo específico para se dedicar à promoção das vocações sacerdotais e da vida consagrada. A dimensão vocacional de toda a pastoral está precisamente na preocupação de vivenciar a fé como descoberta do caminho concreto de realização da vocação cristã como vocação de amor ao próximo. Isso não se reduz à etapa da descoberta, mas prossegue no aprofundamento e busca de fidelidade. A vocação cristã se concretiza na dedicação de si através de serviços determinados na obra da Evangelização. Corresponder ao apelo de Deus para a realização da própria vida, colocando-a fortemente direcionada para o Reino, é a verdadeira educação da fé.

Essa dimensão vocacional de toda a pastoral está presente como conteúdo da catequese, da celebração litúrgica, do aprofundamento da Palavra de Deus, das iniciativas apostólicas, do desenvolvimento do projeto pessoal de vida. Não há educação de fé que não conduza ao compromisso. Não há vida cristã desligada do apelo ao dom de si. Não há vida comunitária fora do serviço aos irmãos. Nesse sentido, a catequese é vocacional, a pastoral da juventude particularmente é vocacional, a vida comunitária é de si vocacional, a dimensão apostólica da vida dos leigos é vocacional. Dizer que toda a pastoral é vocacional é desafiar toda a ação eclesial e tornar constantemente presente a pergunta fundamental da fé: "Senhor, que queres que eu faça?" e oferecer condições para a resposta constante: "Eis-me aqui, envia-me". E isso não só abstratamente, mas oferecendo caminhos concretos (serviços e ministérios) para realizar no dia-a-dia esse diálogo da fé.

1.4 — *Uma Igreja orante*

O diálogo da fé não acontece sem um clima de oração. A oração, antes de ser um tempo privilegiado de diálogo com Deus, tem que ser um clima que se respira nos ambientes e na ação da Igreja. É preciso, sim, obedecer a ordem do Senhor que mandou que se rezasse pedindo operários para a messe. É a oração pelas vocações. Ela deve ser assídua nas grandes comunidades e grupos cristãos. Mas a relação da oração com as vocações não começa nem se esgota com a oração pelas vocações. A oração é condição de surgimento e discernimento vocacional. Uma Igreja orante é uma Igreja em constante diálogo com Deus. Fala-

mos da evangelização como primeira condição de uma pastoral vocacional. Essa imensa tarefa, assumida pelas comunidades, grupos e organizações de Igreja, não será verdadeira sem a vida em oração. É condição fundamental para captar a presença do Espírito de Deus na Igreja e no mundo, para garantir a autenticidade da missão evangelizadora e a fidelidade pessoal a ela. Qualquer atividade de Igreja deve pois ser realizada em clima de oração; deve ser motivo para dar à oração conteúdo vivencial; deve ser oportunidade de aprendizado e crescimento na vida de oração. Essa dimensão contemplativa de toda a vida e atuação cristã garante uma condição fundamental para a descoberta, o crescimento e a fidelidade à vocação da Igreja e, dentro dela, à própria vocação pessoal.

2. Organização da Pastoral Vocacional

Numa Igreja Particular que vive intensamente sua vocação evangelizadora, sua dimensão comunitária e sua vida de fé e de serviço como resposta aos apelos da Palavra de Deus, é possível um trabalho organizado de Pastoral Vocacional; voltado especialmente para a vocação de especial consagração no ministério pastoral, na vida religiosa e na vida leiga consagrada no mundo.

Em sentido análogo, mas verdadeiro, todos os membros ativos das Comunidades de uma Igreja Particular são agentes responsáveis pela Pastoral Vocacional. Essa responsabilidade é tanto maior quanto mais o ministério exercido estiver intimamente ligado à missão pastoral. Nesse sentido, o primeiro agente é sempre o responsável maior no respectivo nível de Igreja: na Igreja diocesana, o Bis-

po, com o coordenador de pastoral, os coordenadores de setores etc.; no nível paroquial, o Pároco; nas comunidades, os animadores. Particular responsabilidade têm, igualmente, todos aqueles que optaram por uma vida de especial consagração. Essa responsabilidade verdadeira, mas geral, não tolhe, porém, o dever de responsabilizar pessoas que assumam diretamente a tarefa de animar a Pastoral Vocacional.

2.1 — *A Equipe Diocesana de Pastoral Vocacional*

As dioceses, que tradicionalmente desenvolviam um trabalho específico neste campo, conheceram a figura do promotor vocacional. Hoje, uma Equipe de Pastoral Vocacional tem assumido esse papel com mais riqueza e vantagens. Ela será formada de padres, religiosos, pessoas consagradas e leigos, adultos e jovens.

Deverão ser pessoas que possuam uma boa visão da teologia da vocação na Igreja hoje, integração na pastoral da Igreja diocesana e disponibilidade de coração e de tempo para o trabalho.

As Congregações e Institutos que têm presença na diocese devem desenvolver seu trabalho de promoção vocacional integrados nessa equipe. Não é admissível a atividade de um promotor que vem de fora para "pescar" vocações.

A Equipe de Pastoral Vocacional deve contar com o mandato oficial do Bispo e ser reconhecida por toda a Igreja Particular. O próprio Bispo, com freqüência, deve dar presença às reuniões da equipe já que ele é o primeiro responsável pela Pastoral Vocacional.

Os objetivos da Equipe Diocesana de Pastoral Vocacional são:

1) Promover clima de valorização da Pastoral Vocacional; suscitar e manter a consciência da necessidade e do valor das vocações de especial consagração.
2) Refletir constantemente sobre as condições concretas, as dificuldades e possibilidades da Pastoral Vocacional na Igreja Particular, seus caminhos e suas condições.
3) Elaborar e difundir subsídios de reflexão, orações e iniciativas vocacionais.
4) Apoiar e animar as equipes paroquiais ou grupos especiais de Pastoral Vocacional.
5) Coordenar a promoção de tempos fortes da Pastoral Vocacional, sobretudo o Dia mundial de orações pelas vocações, as Semanas e Mês vocacional.
6) Valorizar a celebração de acontecimentos importantes do ponto de vista da vocação de consagração (ordenações, profissões religiosas, jubileus etc.).

2.2 — *Instrumentos da Equipe Diocesana de Pastoral Vocacional*

Para articular o seu trabalho e torná-lo mais eficaz, a Equipe Diocesana pode se servir das seguintes iniciativas:

1) O Centro Diocesano de Pastoral Vocacional, como centro irradiador e animador de toda a pastoral vocacional. O Centro deve oferecer a todos os interessados o material necessário para o trabalho

vocacional, bem como o apoio e a assistência às equipes locais.

2) A promoção de encontros ou cursos sobre vocação, seja no sentido do despertar vocacional, seja para o aprofundamento daqueles que já se propuseram a prosseguir na caminhada.

3) O acompanhamento dos jovens ou adultos vocacionados no aprofundamento de sua opção antes de ingressarem numa casa de formação específica (seminário, noviciado, convento etc.). Esse acompanhamento é progressivo: desde os contatos pessoais mais ou menos freqüentes até a integração em grupos que se reúnem periodicamente, com um programa definido.

4) Promoção de cursos de capacitação de agentes de Pastoral Vocacional para a formação de equipes de paróquia, setor, vicariato (ou equivalente).

5) A elaboração de um plano diocesano de Pastoral Vocacional, onde anualmente se definam as principais atividades permanentes de animação e as realizações extraordinárias para o incentivo da Pastoral Vocacional.

3. Áreas privilegiadas da Pastoral Vocacional

3.1 — *A família*

A família cristã continua sendo a área primeira da pastoral das vocações de especial consagração. É na famí-

lia que a pessoa faz a primeira experiência de ser amada e de amar. É na família que se aprendem os gestos fundamentais do amor fraterno: repartir, solidarizar-se, unir-se para realizar algo. É na família, portanto, que se começa a viver o essencial da vocação cristã e se tem a experiência comunitária inicial. A família é, pois, a primeira igreja ou a "igreja doméstica", como a chama o Concílio Vaticano II (LG 11). Ela é igualmente a primeira escola e marca profundamente toda a existência. Na simplicidade dos acontecimentos tristes e alegres do dia-a-dia, a família vai vivendo e celebrando sua fé, aprofundando os valores evangélicos, sobretudo o dom de si na caridade, e criticando os falsos valores da sociedade materialista. A família é assim a escola espontânea onde se aprende a concretizar o essencial da vida que agrada ao Senhor: "Amar a Deus de todo coração e amar ao próximo como a si mesmo" (Mt 22, 37-39).

O testemunho dos pais na vida de oração e serviço ao outro, a introdução à vida comunitária sacramental são passos iniciais indispensáveis para criar um ambiente onde as "coisas de Deus" são valorizadas e amadas.

A família sofre, hoje, duramente os impactos de uma sociedade em mudança. A Pastoral Familiar ajudará as famílias a não se fecharem em si mesmas numa tentativa de autopreservação, mas a buscarem na abertura para a comunidade e no serviço ao Reino o caminho de sua realização. Pastoral Familiar e Pastoral Vocacional devem auxiliar-se mutuamente na busca de caminhos e pedagogias vivas, que ofereçam a crianças, adolescentes e jovens reais oportunidades de ouvirem os apelos do Senhor.

3.2 — *A juventude*

Deus chama em todas as idades, mas a juventude é o tempo natural da opção de vida. A evangelização da juventude se reveste, pois, de um forte colorido vocacional. Daí decorre a necessária integração da Pastoral Vocacional com a Pastoral da Juventude.

A Pastoral da Juventude, à medida em que leva jovens a tomar consciência da realidade, ajuda-os a discernir os apelos de Deus para uma ação transformadora. Esse processo pedagógico, se bem aplicado, leva a um progressivo engajamento a serviço da comunidade. Para isso é necessário ajudar os jovens a perceberem a variedade de serviços possíveis e a experimentá-los na prática. A comunidade eclesial deverá, pois, atrair sempre mais espaço para uma real participação dos jovens.

De outro lado, os tempos de catequese mais intensa de adolescentes e jovens e, particularmente, a preparação para o sacramento da Crisma são épocas privilegiadas de trabalho vocacional.

Os movimentos e grupos de jovens oferecem, igualmente, campo propício para o trabalho vocacional, sobretudo através da explicitação da dimensão missionária da vida cristã. Experiências mais exigentes da atuação missionária são fecundas em apelos vocacionais.

As escolas, como local e situação onde a juventude se encontra e vive boa parte de sua vida, sempre foram assumidas como possibilidade particularmente rica de evangelização. Sobretudo as escolas católicas podem oferecer reais condições para o trabalho vocacional, quando se revestem de características que lhes possibilitam promover uma verdadeira educação da fé.

3.3 — *A comunidade eclesial*

É o espaço mais amplo onde a vida cristã ultrapassa as limitações do espaço familiar ou meramente grupal. Em termos vocacionais, a comunidade é, a uma só vez, fonte de apelos e abertura de caminhos. Quanto mais real e concreta for a comunidade como experiência de vida, tanto mais questionadora será em termos de doação. Daí a fecundidade das CEBs e dos grupos de reflexão e de vida dentro da paróquia. Na comunidade, igualmente, o cristãos experimenta todos os aspectos da missão da Igreja: anúncio, aprofundamento da Palavra, celebração da fé, serviço aos irmãos, testemunho de serviço ao mundo. A comunidade eclesial será campo fecundo de pastoral vocacional à medida em que oferecer caminhos concretos e reais oportunidades de serviços e ministérios, bem como apoio e acompanhamento a seu exercício. É na comunidade eclesial, igualmente, que o sentido do ministério ordenado se revela em todas as suas dimensões e é percebido concretamente como projeto de vida. E ainda, é a partir da comunidade que a própria vocação de Igreja é vivenciada em esferas mais amplas (Igreja local, Igreja particular, Igreja universal) e a missão evangelizadora com seus desafios aparece em suas verdadeiras dimensões. Também através da comunidade o jovem pode entrar em contato com as diversas formas de vida religiosa ou consagrada descobrindo seus carismas e seu testemunho. Integradas no plano diocesano, as comunidades eclesiais (paróquias, CEBs, grupos) devem explicitar, através de projetos e programas concretos, sua participação na promoção da Pastoral Vocacional. Para isso é necessário que disponham de uma equipe que seja em seu seio a animadora imediata dessas ações.

A equipe pode ser formada também restabelecendo a OVS dentro de novas perspectivas ou criando especialmente uma equipe ou grupo de Pastoral Vocacional. Desse modo, paróquias e comunidades devem assumir seu papel na promoção das vocações criando clima e consciência, promovendo orações, apoiando os vocacionados e colaborando no aspecto financeiro.

Com relação aos jovens vocacionados, a comunidade é chamada a propiciar-lhes algum tipo de acompanhamento. Várias formas estão sendo empregadas. Supondo sempre um contato pessoal com o vigário ou presbítero encarregado, tem-se organizado grupos vocacionais reunindo os jovens de uma ou várias paróquias ou das várias comunidades de uma paróquia ou setor pastoral.

4. O testemunho

Nada motiva tanto o despertar vocacional como o testemunho de vida alegre, realizada e feliz daqueles que fizeram a opção radical pelo Reino. Diante de uma realidade de vida, as incertezas caem, medos e dificuldades são superados. *Vem* e *vê* foi sempre o argumento definitivo que desloca o problema da esfera das idéias e o remete à vida concreta. Não basta o testemunho da fidelidade; é preciso que o sentimento de que "vale a pena" transpareça com simplicidade e alegria.

O testemunho é, antes de tudo, pessoal. Cada padre, cada religioso ou religiosa leva consigo esse dom de poder animar, ou amortecer, uma nova vocação. Mas o testemunho se manifesta também no grupo e naquelas organizações onde a vida ministerial ou consagrada é vivida. Des-

tacamos aqui o presbitério, o seminário e as diversas comunidades religiosas, como sinais que marcam a vivência da vocação.

O presbitério é o responsável para que a vida presbiteral encontre todo o apoio de que necessita para ser vivida como co-responsabilidade e fraternidade. Padres isolados, às voltas com a solidão, passando dificuldades, desligados da missão comum da evangelização, não serão certamente incentivo de novas vocações.

O Seminário ou Casa de Formação deverá ser sempre mais conhecido e estimado por todas as comunidades da Igreja Particular. Ele deverá participar ativamente das promoções da Pastoral Vocacional. Para os jovens, sobretudo, deverá ser o lugar onde possam experimentar os primeiros passos de uma opção vocacional e conviver, de alguma maneira, com aqueles que já se decidiram. A partir de um Seminário aberto e acolhedor, os seminaristas serão fortes agentes de Pastoral Vocacional junto aos jovens, seus colegas.

Para a vida consagrada, o testemunho da comunidade religiosa é igualmente fundamental. Comunidades religiosas abertas, francamente missionárias, alegremente fraternas, são estímulo decisivo para ajudar na opção de vida dos que se sentem chamados. Das casas de formação religiosa (juvenatos, noviciados etc.), pode-se dizer, feitas as devidas proporções, o que dissemos dos Seminários.

De todas as instituições que se destinam ao apoio e à formação das vocações de especial consagração, exige-se também um testemunho de diálogo fraterno e de mútua cooperação, que ressalte em todas a busca da única vontade de Cristo e o serviço da mesma missão da Igreja.

IV — A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

A teologia da vocação (cf. aqui a parte II) nos mostra que o chamado de Deus passa pela mediação de outras pessoas.

A Igreja, recentemente, tem insistido muito sobre a necessidade não só da Pastoral Vocacional, mas da *orientação vocacional* como dimensão da educação cristã. Ela é função e responsabilidade de todos os educadores: pais e professores, bispos e sacerdotes, catequistas e agentes de pastoral. Ela deve estar presente e ser apoiada nos diversos ambientes da vida cristã: família, escola, comunidade de base, movimento de jovens, paróquia, diocese...

Aqui, porém, restringimo-nos à tarefa específica do *orientador vocacional*. Após ter traçado seu perfil (1), analisaremos a relação do orientador com a família (2), com o próprio vocacionado (3) e sugeriremos algumas atividades (4). No fim serão apresentados alguns subsídios práticos (fichas de avaliação).

1. O perfil do orientador vocacional

O orientador vocacional é a pessoa que se consagra, principal ou exclusivamente, a ajudar outras pessoas — particularmente jovens e adolescentes — a discernir sua vocação e encontrar condições para assumi-la.

O orientador, pois, coloca-se a serviço dos vocacionados e da ação de Deus, que os ama e os chama para a missão que lhes quer confiar.

Embora se considerem aqui as características que todo orientador deve procurar adquirir e desenvolver em suas atitudes pessoais e em sua ação *individual*, ele não deve esquecer que o seu trabalho será tanto mais eficaz e autêntico quanto mais for integrado na vida da *comunidade* eclesial e na ação de uma *Equipe Vocacional* (conforme vimos na parte III).

Uma atitude individualista ou particularista, por parte do orientador, seria um contratestemunho. Como despertar para uma vocação na Igreja, neste momento histórico de "comunhão e participação", a partir do individualismo, da ação isolada, da competição mesquinha?

Para evitar o isolamento e o individualismo, o orientador deverá não só participar assiduamente da Equipe — local ou diocesana — de Pastoral Vocacional, mas também estar em sintonia com a consciência da Igreja local e universal, acompanhando suas iniciativas pastorais e estudando com interesse pronunciamentos e documentos do Magistério.

O orientador encontrará a inspiração profunda de seu trabalho pedagógico e de sua espiritualidade eclesial na própria figura de Jesus. Apesar das evidentes diferenças entre a situação do tempo de Jesus e os tempos de hoje, nele podemos encontrar um modelo ideal de "orientador vocacional". E é a partir dele que podemos traçar agora o perfil do orientador.

A primeira condição que se exige do orientador vocacional é que ele mesmo cultive a mais atenta disposição a escutar a voz de Deus e a fazer a sua vontade. Como poderia educar ou orientar os outros à escuta, se ele próprio não a pratica? Nisso reconhecemos também uma atitude fundamental de Jesus: "Vim para servir e não para

ser servido" (Mc 10,45; Lc 22,27); "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4,34); "Não procuro a minha vontade..." (Jo 5,30). A partir dessa atitude, cultivada longamente na oração (cf. Mc 1,35; Lc 5,16;6,12;9,18.28-29;11,1;22,41), Jesus penetra numa profunda intimidade com Deus, ao ponto de poder dizer: "Ninguém conhece o Pai, senão o Filho..." (Mt 11,27); "Eu e o Pai somos uma só coisa" (Jo 17,22).

Outra condição fundamental do orientador vocacional é que ele realmente ame a pessoa dos vocacionados e esteja à disposição deles. Exatamente o relato da vocação do jovem (Mc 10,17-22) observa que Jesus "fitou-o e o amou" (Mc 10,21). A disponibilidade de Jesus para atender aos que o procuram se revela significativamente em muitos lugares dos evangelhos: "Todos te procuram" (Mc 1,37); "De novo a multidão se apinhou a tal ponto de não poderem se alimentar" (Mc 3,20; cf. 6,31), "Tenho para comer um alimento que não conheceis... fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4,32-34). Mesmo quando Jesus pára, cansado, não recusa o diálogo com a pessoa que precisa de orientação (Jo 4,6s). Mesmo quando dorme, não deixa de velar sobre a segurança de seus discípulos (Mc 4,38s).

A disponibilidade de Jesus às exigências de Deus e da missão se revela também na constatação singela e impressionante: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9,58). Jesus não fica esperando que as pessoas o procurem. Não ensina sentado num lugar fixo do Templo ou de uma sinagoga. Vai à procura das pessoas a quem Deus o envia, como o pastor vai em busca da ovelha perdida (cf. Lc 15,4-6). Não só procura ou apro-

xima ocasionalmente, uma vez ou outra. A vida de Jesus é profundamente inserida no meio do povo, do qual compartilha o trabalho, o alimento, as dificuldades (cf. Mc 6,1-3.31-34).

Uma das grandes preocupações de Jesus são ajudar as pessoas a discernir os sinais da vontade de Deus: "O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos não podeis!" (Mt 16,3; cf. Lc 12,56). Nota-se isto especialmente nas parábolas, comparações que Jesus utiliza exatamente para que as pessoas possam compreender os planos de Deus, a vinda do Reino. As parábolas revelam também uma pedagogia incomum. Jesus não quer "facilitar" a compreensão, simplificar a mensagem. Usando da arte da parábola, quer levar as pessoas a refletirem com sua própria cabeça, a observarem a realidade, a perceberem uma mensagem até então escondida. Quer, principalmente, levar a pessoa a assumir uma atitude nova face à realidade que descobriu.

Essa pedagogia é, ao mesmo tempo, realista e inteiramente banhada pela luz da fé. Parte das condições reais das pessoas, de sua experiência de vida, e leva as pessoas a olharem essa mesma realidade com um olhar novo, o da fé, isto é o de Deus. Assim todos os acontecimentos — rotineiros ou imprevisíveis — da vida quotidiana se tornam um apelo para a pessoa, um sinal da vontade de Deus, um chamado.

O trabalho quotidiano do pescador se torna "parábola" e apelo para o apostolado (cf. Mt 13,47-50; Lc 5,1-11). O trabalho quotidiano do trabalhador rural se torna "parábola" e apelo para anunciar o Reino (cf. Mc 4,1-9.29-32); Mt 13,1-9.24-32). O trabalho da dona-de-casa

se torna imagem e chamado para discernir a vontade de Deus (Mt 13,33; Lc 15,8-9).

Jesus, em sua atenção ao chamado de Deus, olha para todas as pessoas e reconhece uma predileção do Senhor para com os pequenos e os simples (cf. Mt 11,25; Lc 10,21). Em nome de Deus, Jesus chama os pescadores da Galiléia e o publicano cobrador de impostos (Mc 2,14; cf. Mt 9,9), os discípulos do Batista (Jo 1,35-39) e as mulheres curadas "de espíritos malígnos e doenças" (Lc 8,2).

Jesus não só chama, mas ajuda as pessoas a descobrirem suas possibilidades (cf. Jo 4,7s; Mt 19,16-22; Lc 5, 1-10), a acreditarem na força de Deus (Mc 4,40; Mt 8,10; 17,20.21-22), a assumirem responsabilidades novas e mais altas (Mt 16,18-19;28,19-20), superando seus defeitos e suas ambições humanas (Mc 8,32-33;10,35-40).

O chamado para a missão exige uma decisão imediata e definitiva: "Vem e segue-me!" (Mt 19,21; Mc 10,21); "Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus!" (cf. Lc 9,57-62). Mas não exclui uma experiência, preparação ou treinamento: "Vinde e vede!" (Jo 1,39). É na própria ação que Jesus experimenta e forja seus discípulos e missionários (cf. Lc 9, 1-6;10,1-16; Mt 10,1-42). A ação também precisa de revisão, discernimento ou reflexão que permita verificar acertos e desvios (cf. Lc 9,10;10,17-20).

Jesus enfim é aquele que sustenta os discípulos na hora da incerteza, da decepção e do fracasso (cf. Lc 22, 28-32; Mt 17,1-8;26,36-46; Jo 14;15,18-16,4). Aos que duvidavam da força da palavra e da eficácia da pregação de um punhado de discípulos, Jesus respondeu com a parábola do semeador. O semeador lança ao chão a sua semente. Ele sabe que parte dela será comida pelas aves,

parte queimada pelo sol, parte sufocada pelos espinhos. Mas sabe também que, um pouco mais tarde, verá o trigo dourado ondulando sob o vento do verão e colherá trinta ou sessenta vezes mais do que a semente que plantou (cf. Mt 13,4-8; Mc 4,3-8).

Esta parábola, que os evangelistas apresentam como a primeira e mais típica de Jesus, é uma mensagem de esperança. Ela comunica ao educador a confiança nos resultados de seu trabalho, apesar de inúmeros obstáculos: não tanto pelos cuidados que ele teve, quanto pela força da semente que vem de Deus (Mc 4,26-29).

2. O orientador e a família

O trabalho do orientador vocacional se dirige, antes de tudo, à *família*. Através do relacionamento, com as famílias dos vocacionados, o orientador terá condições de prestar uma ajuda efetiva e esclarecedora aos jovens. Ele deverá cooperar para criar na família aquele clima vocacional e aquelas atitudes de que falamos acima (cf. parte III, n. 3.1).

Na linha das sugestões práticas, recordamos ao orientador que ele deve:

— Procurar os dados pessoais dos pais, irmãos, parentes próximos do vocacionado. Para isto, use das fichas publicadas no final deste capítulo.

— Estar em contato com o Bispo, o pároco ou o animador da comunidade, procurando saber mais sobre a vida que o vocacionado vive em família e levando também a ele as impressões colhidas.

— Observar e interpretar as atividades, as idéias, a mentalidade dos membros da família, respeitando-as e dirigindo-as para o bem da vocação do jovem.

— Observar as opiniões e reações dos pais e irmãos com relação à atuação da Igreja em geral, principalmente a atuação no meio dos pobres.

— Analisar o grau de abertura, fraternidade, generosidade e acolhimento da família em geral.

— Observar e acompanhar, na medida do possível, as pessoas da família que exercem outro tipo de pastoral.

— Procurar ser objetivo nos momentos em que acha necessário opinar sobre o comportamento da família ou de alguma pessoa em particular. A sinceridade nesses momentos é a chave da confiança da família no orientador do filho.

— Ser sincero e usar de expressões claras, seja quando incentivar o filho na sua vocação, seja para aconselhá-lo a tomar outro rumo. Deixar claro que tal decisão não é fruto de opinião pessoal, mas de uma séria interpretação dos desígnios de Deus.

— Levar em grande consideração a família. A família seja a primeira a ter notícias sobre as impressões a respeito do filho vocacionado.

— Fazer que a família reze. A oração em família será a fonte primeira da graça que deve levar o filho a uma opção livre, madura e responsável.

— Solicitar de todos os casais cristãos que se organizem para orações, horas santas e vigílias pela vocação de seus filhos.

3. O orientador e o jovem

O jovem vocacionado é a razão de ser das iniciativas, dos serviços e de qualquer outra atividade do orientador no campo da Pastoral Vocacional. Por isso, com relação aos vocacionados, o orientador deverá:

— Levar em consideração que o vocacionado é alguém escolhido por Deus. A vocação deste jovem não é fruto de técnicas humanas, mas obra de Deus, que chama ainda hoje para uma missão na Igreja ou no mundo.

— Ajudar por todos os meios para que o vocacionado cresça na sua fé, na sua vivência cristã, no seu engajamento na vida e ação pastoral da Comunidade a que pertence, e seja assíduo aos ensinamentos da Igreja, na participação da Eucaristia e demais sacramentos. Esteja atento ao crescimento do jovem em todas essas dimensões.

— Estudar e interpretar, à luz das diretrizes da Igreja e com a ajuda das ciências pedagógicas, as origens da vocação do jovem.

— Verificar o grau de interesse pelos estudos. Entrar em contato com alguns professores idôneos, para ter alguma informação sobre o jovem.

— Verificar o interesse do jovem pelo trabalho e, eventualmente, que trabalho profissional já praticou e com que eficiência. Verificar também o grau de interesse pelos afazeres de sua própria casa e ajuda aos pais, como se comporta quando tem dinheiro à sua disposição etc.

— Procurar saber qual é o grau de participação da vida paroquial, no apostolado próprio para jovens de sua idade. Investigar junto ao vigário sobre a vivência cristã do jovem.

— Verificar atentamente qual é o grau de aceitação do jovem dentro da família, pelo grupo de colegas de escola, pelo grupo de jovens da paróquia. A aptidão à vida comunitária está aqui em evidência.

— Procurar obter um diagnóstico objetivo a respeito da saúde física e mental.

— Verificar a estabilidade e perseverança do jovem quanto à busca e consecução de objetivos. Orientar o vocacionado nos momentos de volubilidade, procurando levá-lo a uma certa estabilidade na vocação.

— Criar um clima de sinceridade entre o orientador e o jovem.

— Colocar o jovem diante das exigências de Cristo e do seu Evangelho, verificando as reações que essas exigências provocam nele.

— Dar uma visão bem clara a respeito dos ministérios e serviços que a Igreja oferece. Explicar detalhadamente os tipos de vocação na Igreja.

— Suscitar amor e respeito pelas pessoas que detêm autoridade na Igreja.

— Fazer com que o jovem se coloque no seu devido lugar enquanto vocacionado, em antecipar atitudes ou assumir funções de padres ou religiosos.

— Promover, entre o jovem e seu orientador, um clima de oração e diálogo com Deus, que é o autor da vocação de ambos.

— Levar o jovem a fazer uma opção sem coações. A resposta deve ser dada a Deus e por amor a ele. Acima de tudo, assuma com alegria a missão que Deus lhe destina.

4. Sugestões para atividades de orientação vocacional

As atividades de orientação vocacional se configuram de forma diferente segundo as possibilidades da Equipe Vocacional e as circunstâncias locais (meio rural ou urbano, meios de comunicação, desenvolvimento e recursos das comunidades eclesiais).

A título de exemplo, damos algumas sugestões, que poderão ser adaptadas a diversas situações.

Geralmente, no trabalho vocacional, distinguem-se três etapas:

I — a etapa do *despertar,* na qual a partir de um interesse amplo, de toda a comunidade, levam-se grupos de adolescentes e de jovens a uma tomada de consciência do problema da vocação e das vocações consagradas em particular;

II — a etapa do *discernimento vocacional,* na qual os jovens que mostraram interesse em reconhecer mais claramente a sua própria vocação são ajudados num clima de oração, através de encontros, estudos e entrevistas, no discernimento de sua vocação;

III — a etapa do *apoio vocacional,* em que os jovens decididos a ingressar em Seminário, Institutos ou Congregações religiosas começam a manter um contato mais assíduo com a instituição escolhida e completam as condições (os estudos, por exemplo) que lhes faltam para o ingresso definitivo nela.

Na etapa I, promovem-se um ou mais encontros (alguns chamam o primeiro de "encontrão"), geralmente de um dia, visando despertar o jovem para a realidade da vocação (veja-se, a seguir, a ficha I).

Na etapa II, convidam-se os jovens e/ou moças interessados(as) para participar de uma série de encontros mensais de aprofundamento, em que se procura oferecer critérios de discernimento e fazer conhecer as diversas vocações específicas (sacerdotal, religiosa, secular, missionária, de apostolado leigo etc.). Os encontros podem ser realizados mensalmente de março a junho e de agosto a novembro (veja as fichas 1 a 8 da seção II).

Os encontros devem terminar com o "retiro de opção de vida" (veja a ficha 9 da seção II).

Todas as atividades mencionadas até aqui podem ser promovidas por uma Equipe Vocacional integrada, composta de pessoas indicadas pela Paróquia ou Diocese e por representantes de Congregações Religiosas, Institutos Missionários e Seculares etc.

Na etapa III, o trabalho de orientação e apoio pode ser assumido por uma comunidade ou instituição específica. Neste caso, o responsável deverá preencher uma ficha com informações essenciais sobre a identidade do candidato (ficha III) e as condições da família (ficha IV). Finalmente, se mantiver uma correspondência escrita com o vocacionado, deverá usar um sistema oportno de anotações, como aquele sugerido pela ficha V.

Outra forma de orientação vocacional é a dos Grupos ou Clubes Vocacionais, criados por paróquias ou colégios (cf. ficha VI).

Outras sugestões práticas e instrumentais de trabalho encontram-se na Bibliografia final.

Anexo: Fichas de Inscrição e de avaliação dos vocacionados

As fichas são instrumento necessário para o encaminhamento dos vocacionados. É através delas que se percebem as aspirações e as características dos vocacionados, os pontos altos dos encontros como também as falhas a serem corrigidas, as informações essenciais a respeito dos participantes.

I — FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O PRIMEIRO ENCONTRO (ENCONTRÃO ou DESPERTAR)

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

End.: ..... Cidade ..... Data ..../..../.....

Prezado jovem:

Cada um de nós é chamado a cumprir uma missão na Igreja: como sacerdote, religioso(a) ou leigo(a).

Qual será a sua vocação?
Venha refletir conosco
no dia ....
das 8 às 18 horas
no colégio ..... (rua .....)

Juntos buscaremos descobrir o que Deus quer de cada um de nós.
Traga a Bíblia, lápis e papel para anotações.
Não esqueça de trazer lanche.

Equipe de Pastoral Vocacional

OBSERVAÇÕES

1. Idade mínima para poder participar: 14 anos.
2. Se você pretende comparecer, preencha e devolva o conhoto abaixo para o seguinte endereço:

EQUIPE VOCACIONAL

Rua ..... n. .....
CEP ..... Cidade .....

.....

(corte e devolva apenas esta parte)

Nome ..... Idade .....
Endereço .....
Bairro ..... CEP ..... Fone .....
Caixa Postal .....

Paróquia a que pertence .....

II — FICHAS DE AVALIAÇÃO PARA CADA ENCONTRO MENSAL

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

1º ENCONTRO VOCACIONAL

FICHA 1 data ..../..../.....

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Como ficou sabendo deste Encontro?
2. Você participou de encontros do ano passado? Quantos? 1º semestre

   2º semestre
3. Pretende continuar participando desses Encontros vocacionais? .....

   Por quê?
4. O que achou do Encontro de hoje?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

2º ENCONTRO VOCACIONAL

FICHA 2 data ..../..../.....

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

Estudos feitos ou que está ainda fazendo ..... Profissão .....

1. Você participou do 1º Encontro vocacional deste ano?

2. Você está sabendo que este Encontro é vocacional?

3. A que grupo gostaria de pertencer?

— dos que se preparam para ser padre? [ ]
— dos que se preparam para a Vida Religiosa? [ ]
— dos que se preparam para um Instituto Secular? [ ]
— dos que pretendem ser Leigos(as) engajados(as)? [ ]

(coloque um "X" no grupo que escolheu)

4. O que achou do Encontro de hoje?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

3º ENCONTRO VOCACIONAL

data ..../..../.....

FICHA 3

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Grife os Encontros vocacionais deste ano dos quais você participou: março - abril

2. Por que está participando destes Encontros?

3. Em que pontos eles mais ajudam você?

4. O que mais você apreciou no Encontro de hoje?

Por quê?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

4º ENCONTRO VOCACIONAL

data ..../..../.....

FICHA 4

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Assinale os Encontros dos quais você participou: março - abril - maio
2. Por que continua participando destes Encontros?
3. Você exerce alguma atividade em sua paróquia?

   Qual?
4. O que você mais apreciou no Encontro de hoje?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

5º ENCONTRO VOCACIONAL

data ..../..../.....

FICHA 5

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Grife os Encontros dos quais participou este ano: março - abril - maio - junho
2. O que significa para você ser leigo engajado?
3. Você se sente engajado?

   Por quê?
4. Para que Deus chama uma pessoa para a vida sacerdotal ou religiosa?
5. Você se sente chamado(a) por Deus para a vida sacerdotal ou religiosa?

   Por quê?
6. Do que mais você gostou no dia de hoje?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

6º ENCONTRO VOCACIONAL

data ..../..../.....

FICHA 6

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Grife os encontros de que você participou neste ano: março - abril - maio - junho - agosto
2. Estes encontros estão sendo para você momentos de crescimento em sua vida espiritual ou apenas uma forma diferente de passar o domingo? Dê explicações à resposta.
3. O que sua família acha da vocação sacerdotal ou religiosa?
4. O que significou o Encontro de hoje para você?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

7º ENCONTRO VOCACIONAL

data ..../..../.....

FICHA 7

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Grife os Encontros dos quais você participou: março - abril - maio - junho - agosto - setembro
2. Você já está mais consciente de sua vocação? Qual?
3. Como sua família comenta essa sua idéia?
4. O que você tem feito para alimentar essa vocação?
5. Em que o Encontro de hoje ajudou você?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

8º ENCONTRO VOCACIONAL

FICHA 8 data ..../..../.....

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Quais os Encontros de que participou neste ano? março - abril - maio - junho - agosto - setembro - outubro
2. Até que ponto esses Encontros ajudaram você a perceber sua vocação na Igreja?
3. O que pretende fazer no próximo ano para levar a sério essa vocação?
4. Em que pontos você sentiu que melhorou com a ajuda desses Encontros?
5. Faça uma relação dos pontos positivos desses Encontros.
6. O que você sugere para que nossos Encontros sejam melhores no próximo ano?
7. Em que atividade você se dedica na sua paróquia?
8. Que mensagem você gostaria de dar aos jovens sobre esses Encontros?
9. O que achou deste Encontro de hoje?

SECRETARIADO DE PASTORAL VOCACIONAL

(endereço)

9º ENCONTRO VOCACIONAL

RETIRO

FICHA 9 data ..../..../.....

Nome ..... Idade .....

Endereço ..... CEP ..... Fone .....

Paróquia ..... Setor .....

1. Grife os Encontros de que participou durante este ano: março - abril - maio - junho - agosto - setembro - outubro - novembro
2. Você já decidiu sobre sua vocação? Qual foi a decisão?
3. Caso pense em consagrar-se a Deus, já pensou em que congregação?
4. Se deseja ser padre, já decidiu se será diocesano ou religioso?
5. Se não fez ainda uma opção de consagrar-se ou ser padre, de que modo pensa servir a Deus e à Igreja?
6. Você sente que para o ano que vem esses Encontros continuarão fazendo tanto bem como causaram os deste ano?
   Por quê?
7. De que modo poderemos fazer algum bem para você?
8. Quais foram os pontos mais positivos para você nesse Encontro-Retiro?
9. Quais as suas sugestões para que o próximo Encontro-Retiro seja mais eficiente?

III — FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do(da) jovem .....
Cidade ..... CEP ..... Estado .....
Rua ..... n. ..... Fone .....
Cx. Postal .....

Nascido(a) aos ..... de ..... de .....

Foi batizado(a) SIM .... NÃO ....
Foi crismado(a) SIM .... NÃO ....
Fez primeira Eucaristia SIM .... NÃO ....
Quantos irmãos são na família? Que lugar ocupa entre eles?
Reside com os pais? SIM .... NÃO .... ou com quem?
Você se sente feliz em sua família? SIM .... NÃO .... Por quê?

Tem boa saúde? Que doenças já teve?
Qual o seu trabalho?
Você está estudando? Que série?
Foi sempre aprovado(a)?
Já esteve em alguma Congregação como seminarista ou juvenista? SIM .... NÃO ....
Se já esteve, por que saiu?
Tem atividades na Paróquia? SIM .... NÃO .... Quais?

Por que você deseja ser padre? (irmã?) (consagrada?)

É alegre, comunicativo(a) SIM .... NÃO .... Faz amizades com facilidade?

O que você mais gosta de fazer? Por quê?
Seus pais consentem que ingresse no Seminário, na Congregação (no Convento?)
SIM .... NÃO .... Por quê?

Quando deseja ingressar definitivamente?
Já está decidido(a) ou prefere aguardar mais um tempo?
Por quê?
Nome do pai (mesmo se falecido) Profissão
Nome da mãe (mesmo se falecida) Profissão
Seus pais são casados na Igreja? SIM .... NÃO ....

Outras informações .....
.....
.....

Respondi esta ficha dia ..../..../.....

lugar

IV — FICHA DA FAMÍLIA

Nome do(da) jovem .....

Endereço ..... Fone .....

Cidade ..... CEP ..... Estado .....

Nome do pai ..... vivo .... falec. ....

Nome da mãe ..... viva .... falec. ....

CLIMA FAMILIAR:

1. Ambiente pacífico, harmonioso, agradável.
2. Relações habitualmente harmoniosas, leves desentendimentos, contrastes superficiais.
3. Ambiente de discórdia, desagradável, com mútuas e freqüentes recriminações.

VIDA CRISTÃ DA FAMÍLIA:

1. Ambiente religioso convicto.
2. Prática religiosa mais ou menos habitual.
3. Ambiente religiosamente indiferente.

COMPORTAMENTO EDUCATIVO:

Assinalar a resposta desejada indicando com um "X" entre os parênteses se é referente ao **pai, mãe** ou **ambos.**

Autoridade:	PAI	MÃE	AMBOS
Serena, constante equilibrada	[ ]	[ ]	[ ]
Rígida, extremista, autoritária	[ ]	[ ]	[ ]
Fraca, negligente	[ ]	[ ]	[ ]
Interesse:			
Afetuoso para com os filhos, equilibrado	[ ]	[ ]	[ ]
Hiperproteção	[ ]	[ ]	[ ]
Descuido educativo	[ ]	[ ]	[ ]
Afeto:			
Equilibrado, sereno	[ ]	[ ]	[ ]
Mimo em demasia	[ ]	[ ]	[ ]
Hostilidade, críticas, rejeição	[ ]	[ ]	[ ]

CONSCIENTIZAÇÃO VOCACIONAL:

Com respeito à entrada do(da) filho(a) na vida religiosa, no seminário ou convento, os familiares:
Cooperam [ ] Estão contentes [ ] Indiferentes [ ] Obstaculam [ ]

SITUAÇÃO ECONÔMICA:

Ótima [ ] Boa [ ] Média [ ] Insuficiente [ ]

V — FICHA DE CORRESPONDÊNCIA VOCACIONAL

Nome .....

Rua ..... N. ..... Fone .....

Cidade ..... CEP ..... Estado .....

Data de nascimento ..../..../.....

Está estudando em que curso ..... série .... (ano) .....

Data de apresentação ..../..../.....

Informações: .....

.....

.....

ESCREVI	RESPONDEU	MATERIAL ENVIADO
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....

OPÇÃO

Decidido(a) [ ]; indeciso(a) [ ]; aguardar [ ]; desistiu [ ]; deseja informações [ ]

Quando deseja ingressar definitivamente?

VI — FICHA PARA C

NOME DO CLUBE VOCACIONAL:

PRESENÇAS DOS ENCONTROS:

Nº	NOME DO VOCACIONADO	Série 81	Série 82	Data de Nascimento	DATA													
1																		
2																		
3																		
4																		
5																		
6																		
7																		
8																		
9																		
10																		
11																		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		

JBE VOCACIONAL

PARÓQUIA:

NOME DOS PAIS	ENDEREÇO	OBSERVAÇÕES

V — BIBLIOGRAFIA

1. *A pastoral vocacional no Brasil*

Alguns dos principais documentos da pastoral vocacional em nosso País continuam tendo valor na atualidade. Estão reunidos em:

— Estudos da CNBB, 5: *A pastoral vocacional. Realidade, reflexões e pistas,* Edições Paulinas, 1974 (3ª ed., 1979), 155 pp. (contém: 1. Documento final do Congresso Mundial das Vocações, Roma, 1973; 2. Critérios básicos do CELAM a respeito da pastoral vocacional, 1972; 3. A pastoral vocacional no Brasil (estudos, incluindo levantamentos sobre novos ministérios, diaconato, formação nos seminários, vocações religiosas); 4. Conclusões do Encontro Nacional de Pastoral Vocacional de 3-6.2.1974).

— Menezes, Alano Porto de, e Silva, Jefferson I. da, *Pastoral da vocação.* Horizontes abertos pelo Vaticano II. Ed. Vozes, 1969, 79 pp. (contém: Conclusões e síntese doutrinal do I Congresso Latino-americano de Vocações, II Seminário Nacional de Teologia da Vocação, IV Encontro Nacional de Vocações).

A história da pastoral vocacional no Brasil não foi escrita, mas dados importantes e aspectos particulares podem ser encontrados:

— no volume G. Perez, A. Gregory, F. Lepargneur, *O problema sacerdotal no Brasil,* FERES, Bogotá (e Rio de Janeiro), 1965;

— nos artigos de Riolando Azzi sobre a história de diversas Congregações religiosas no Brasil, publicados na *Revista Eclesiástica Brasileira* e especialmente na revista da CRB, *Convergência.*

Uma breve síntese da História da Igreja no Brasil, que pode ser oferecida aos jovens vocacionados, é a de J. Oscar Beozzo em apêndice ao livro do Cardeal Paulo Evaristo Arns, *O que é a Igreja?,* Brasiliense, São Paulo, 1981 (coleção "Primeiros Passos").

2. *A vocação na Bíblia*

Para uma primeira abordagem do tema, pode-se procurar o verbete "Vocação" ou ("chamado") num *Dicionário de Teologia Bíblica,* como o de X. Léon-Dufour (Ed. Vozes), 1978, ou o de J. B. Bauer (Ed. Loyola), 1973 etc., ou *Dicionário bíblico,* de John L. Mackenzie, Edições Paulinas, 1983.

Um livro mais completo é o de Geraldo Pennock, *Vem e vê. A vocação na Bíblia,* 2ª ed., Ed. Vozes, 1974, 144 pp.

O tema do "seguimento de Jesus" nos Evangelhos é tratado com profundidade por Anselmo Schulz, *Discípulos do Senhor,* Edições Paulinas, 128 pp. (trata-se de obra científica de exegese).

Não apresentamos aqui as inúmeras obras que têm como tema central as diversas figuras da Bíblia e, especialmente, a figura de Jesus. Assinalamos, porém, alguns livros sobre Maria, que podem ser aconselhados aos jovens (moças e rapazes):

— Carlos Mesters, *Maria, a Mãe de Jesus*, 4ª ed., Ed. Vozes, 120 pp. (livro de um grande biblista, escrito em estilo simples).
— Pe. Virgílio, *Uma mulher no meu caminho*, Edições Paulinas, 80 pp. (Maria como modelo de vocação).
— Carlo Carreto, *Maria, a mulher que acreditou*, Edições Paulinas (a redescoberta de Maria como mulher, mãe e irmã dos cristãos de hoje).
— Patrício Sciadini, *Maria de todos nós*, Edições Paulinas, 134 pp. (também na linha de uma redescoberta atual da devoção a Maria).
— Leonardo Boff, *A ave-maria*, Ed. Vozes, 1980, 104 pp. (um grande teólogo comenta a oração do cristão a Maria).
— Aristides Serra, *Maria em Caná e junto à cruz*, Edições Paulinas, 96 pp. (exegese das passagens do evangelho de João relativas a Maria).

E ainda, não só sobre Maria, mas sobre diversas figuras femininas:

— Isac Lorena, *A mulher no Evangelho*, Edições Paulinas, 146 pp.

Sobre o apóstolo Paulo, os livros mais acessíveis aos jovens são:

— Inês B. Lagazzi, *Paulo de Tarso, o Apóstolo de Cristo*, Edições Paulinas, 144 pp. (com ilustrações a cores).
— Santos Benetti, *São Paulo, vida e mensagem*, Edições Paulinas, 1982.
— Luiz M. Duarte, *Paulo de Tarso, perseguidor e apóstolo*, Edições Paulinas, 1982, 144 pp.

3. *Vocações na história da Igreja*

A extrema riqueza e variedade das "vocações" na história da Igreja, particularmente dos santos que deram origem a diversas formas de espiritualidade e de vida religiosa, deve ser mostrada aos jovens que procuram discernir hoje a sua vocação. Há muitas biografias de santos (hagiografias). Assinalamos algumas coleções, onde o orientador vocacional poderá escolher os volumes que julgar mais interessantes no caso:

— Coleção "Cidadãos do Reino" de Edições Paulinas (são volumes de cerca de 120 páginas cada um, escritos num estilo moderno, para atingir os homens de hoje: inclui volumes sofre Francisco de Assis, são Bento, são Sebastião, santa Teresinha, são João Batista, padre Tiago Alberione e outros).
— Coleção "Heróis" da Editora Salesiana Dom Bosco (são pequenos volumes de 40 a 60 páginas, muito indicados para os jovens; estão publicados cerca de 30 volumes, entre os quais sobre Dom Bosco, Domingos Sávio, Dom Orione, Teresa de Ávila, Maxiliano Kolbe, Francisco de Assis, Carlos Borromeu, João da Cruz, são José Cottolengo).
— A Editora Vozes dispõe de 7 ou 8 volumes sobre Francisco de

Assis e o franciscanismo, desde história em quadrinhos até obras famosas como as biografias de Joergensen, Maria Sticco ou Leonardo Boff.

4. *A vocação: teologia e psicologia*

Antes de tudo, o orientador deve conhecer e fazer conhecer os documentos do Magistério da Igreja. Já citamos, ne parte II, os documentos mais recentes e importantes: os do Concílio Vaticano II, os do Papa João Paulo II, o de Puebla, o documento *Vida e misistério do presbítero,* da CNBB, Edições Paulinas, 1981.

A Ed. Salesiana Dom Bosco reuniu num pequeno livro os trechos desses documentos que se referem a: *Vocações e ministérios na Igreja* (Coleção "Mestres da Verdade", 80 pp.). Na mesma coleção, há também uma seleção de textos de João Paulo II, *Vida religiosa consagrada* (48 pp.).

Há diversos pequenos livros de introdução à temática da vocação. Por exemplo:

— Maria D. Agudo e João Souto Coelho, *A vocação da vida,* Edições Paulinas, 1979, 118 pp. (reflexões para grupos vocacionais).
— Cardeal Paulo E. Arns, *Qual é a sua vocação,* Edições Paulinas, 19.., 100 pp. (reflexões sobre o sentido cristão da vocação, para jovens e educadores).
— J. Ramón F. de la Cigoña, *Você: para quê? Para quem?,* Ed. Loyola.
— Augusto César, *O problema é vocação,* Edições Paulinas, 6ª ed., 1977, 76 pp.
— Vittorio Lucchesi, *Catecismo vocacional,* Ed. Loyola.
— Carlos A. Schmitt, *Pais conscientes, filhos realizados.* Reflexões vocacionais, Edições Paulinas, 1980, 160 pp.

Outros livros para jovens estão mencionados no item 8.

Em nível teológico, destaca-se: Leonardo Boff, *O destino do homem e do mundo,* 5ª ed., Ed. Vozes, 1978, 168 pp.

Ver também o livro de A. Mayer, Karl Rahner e J. B. Metz, *Inseridos no meio dos homens,* Edições Paulinas, 1983 (no prelo) (bastante atualizado).

Com relação à psicologia da vocação, dispomos de uma obra valiosa, mas bastante técnica, de Luís M. Rulla, *Psicologia do profundo e vocação,* Edições Paulinas. Foram publicados dois volumes: "As Instituições" (208 pp.) e "A pessoa" (280 pp.).

Aspectos particulares da psicologia da vocação são tratados em:

— Paulo Rosas, *Vocação e profissão,* Ed. Vozes, 1977, 181 pp.
— Valfredo Tepe, *O sentido da vida. Ascese cristã e psicologia dinâmica,* 10ª ed., Ed. Vozes, 1980, 164 pp.

5. *Ministérios e vocação sacerdotal*

Entre as vocações específicas, a vocação ao ministério sacerdotal ou presbiteral recebe a maior atenção da Igreja. Ela é definida, antes de tudo, pelos Documentos Oficiais da Igreja, como o decreto "Presbyterorum Ordinis" do Concílio Vaticano II, as cartas e discursos do Papa João Paulo II, o texto de Puebla sobre o ministério hierárquico, o Documento n. 20 (1981) da CNBB.

Poucos livros, porém, tratam exaustivamente a problemática do padre. Assinalamos:

— Vários Autores, *O sacerdote — fé e contestação,* Edições Paulinas, 140 pp. (os autores são teólogos belgas, que discutem a problemática sacerdotal surgida logo após o Concílio).

— José Marins e Equipe, *De Medellín a Puebla: A práxis dos padres da América Latina,* Edições Paulinas, 1979, 230 pp. (como o título diz, problemas e atuação dos padres da América Latina de 1968 a 1979).

O tema do ministério presbiteral é hoje abordado, preferencialmente, no âmbito de uma teologia dos ministérios, especialmente dos ministérios ordenados (episcopado, presbiterato, diaconato). Recomendamos:

— André Lemaire, *Os ministérios na Igreja,* Edições Paulinas, 1977, 132 pp. (trata dos ministérios no NT, na história da Igreja, na teologia atual).

— Alberto Antoniazzi, *Os ministérios na Igreja hoje,* 2ª ed., Ed. Vozes, 1977, 64 pp. (também trata, mais brevemente, dos ministérios no NT, na teologia atual e no diálogo ecumênico).

— Vários Autores, *Os ministérios* (coleção "Iniciação à Teologia"), Edições Paulinas, 1979, 64 pp. (ainda mais breve e simples que o anterior).

— Card. Paulo E. Arns, *Os ministérios na Igreja,* Ed. Salesiana Dom Bosco, 1980, 112 pp. (boas reflexões, divididas em pequenos capítulos).

Sobre a vocação sacerdotal, para os jovens, veja:

— E. M. Menard, *A qualquer hora... A qualquer idade...,* Edições Paulinas, 144 pp.

— Padre Zezinho, *Este rebelde quer ser padre,* Edições Paulinas (para adolescentes).

— J. F. de Oliveira (Pe. Zezinho), *Por que Deus me chamou?,* Edições Paulinas, 1982.

—— *Senhor, que quer que eu faça?,* Edições Paulinas, 1982.

Sobre um problema urgente e discutido, o das comunidades sem padre, tomou uma posição polêmica a revista *Concilium* (n. 153, 1980/3): *A Comunidade Cristã tem direito a um padre,* Ed. Vozes, 144 pp.

Sobre o diaconato:

— Irineu Wilges, *História e doutrina do diaconato até o Concílio de Trento,* Ed. Vozes, 1971, 368 pp.

— Paulo VI, *O diaconato permanente na Igreja latina,* Edições Paulinas (coleção "A Voz do Papa").

6. *Vocação religiosa e vocação missionária*

Sobre a teologia da vida religiosa:
— J. M. R. Tillard, *Chamado de Cristo... chamados do mundo* (Os religiosos revêem seu chamado), Edições Paulinas, 1980, 140 pp.
— Joseph Aubry, *Teologia da vida religiosa,* Ed. Salesiana Dom Bosco, 1979, 184 pp.
— Leonardo Boff, *Vida segundo o Espírito,* Ed. Vozes, 1982, 182 pp.
Para uma explicação mais elementar da vocação religiosa:
— José Bortolini, *Nós estivemos com Ele no monte,* Edições Paulinas, 1979, 102 pp.
— Francisca van der Meersch, *A jovem e seus problemas,* Edições Paulinas (sobre a vocação religiosa feminina).
— Aleixo Autran, *Comunidades religiosas e missão apostólica,* Ed. Vozes, 1976, 80 pp.
Sobre a vocação monástica:
— Thomas Merton, *A vida silenciosa,* Ed. Vozes.
— Thomas Merton, *Contemplação num mundo de ação,* Ed. Vozes, 1975, 368 pp.
— Dom Morin, *O ideal monástico e a vida cristã nos primeiros séculos,* Ed. Lumen Christi.
Sobre a vocação missionária e as missões hoje:
— Pierre Schouver, *A Igreja e a missão,* Edições Paulinas, 1977, 160 pp.
— Vários Autores, *As Missões Católicas,* Ed. Vozes, 1980, 328 pp.

7. *Testemunhos e depoimentos*

Consideramos aqui os testemunhos de e sobre personalidades cristãs do nosso século, que são exemplo marcante de resposta a uma "vocação" vinda de Deus. Sendo impossível citar todos os livros disponíveis, assinalamos antes de tudo a coleção "Campeões" da Ed. Salesiana Dom Bosco. São pequenos volumes (geralmente de 40 pp.), apresentando figuras como o papa João XXIII, o abbé Pierre, Raoul Follereau, madre Teresa de Calcutá, o papa Wojtyla e mesmo alguns não-católicos, como Albert Schweitzer, ou não-cristãos, como Gandhi.

Entre as testemunhas que merece maior destaque estão os mártires da Igreja latino-americana, como Dom Oscar Romero e outros. Assinalamos:
— Vários Autores, *Práxis de martírio,* Edições Paulinas, 1980, 294 pp.
— Luiz Alberto G. de Souza, *Oscar Romero, bispo e mártir,* Ed. Vozes, 1980, 256 pp.
— H. G. Rohrig, *Rodolfo Lunkenbein,* Ed. Salesiana Dom Bosco, 48 pp.
— Vida do Pe. João Bosco Penido Burnier, Ed. Loyola.

8· *Pastoral vocacional*

Sobre diretrizes e organização da Pastoral Vocacional:

— Documento final do II Congresso Internacional: *Pastoral das Vocações*, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1983, 12 pp. (há também uma edição das Edições Paulinas).
— Pe. Zezinho (J. Fernandes de Oliveira), *Outra vez a pastoral vocacional*, Edições Paulinas, 1977, 138 pp.
— Frei Raul Suzin, *Vocação. Uma caminhada para Deus*, 2ª ed., EST, Porto Alegre, 1981 (é um "manual para líderes vocacionais leigos" bastante completo, com muitos subsídios práticos).
— CNV (Paris), *Guia de pastoral vocacional*, Ed. Loyola, 1969, 188 pp. (trata só das vocações religiosas femininas).
— Luiz A. Campagnoni, *Ação vocacionista do Brasil*, Juiz de Fora, edição do Autor, 1980, 212 pp. (expressa a orientação do "Serra Clube").
— *Pastoral vocacional diocesana. Organização e prática*, Edições Loyola, 1983 (no prelo; é um trabalho da Equipe Vocacional da Região Episcopal Sant'Ana da Arquidiocese de São Paulo).
— Thomas R. Giles, *Rumos da pastoral vocacional*, Ed. Santuário, Aparecida, 136 pp.

Subsídios práticos:

— Thomas Giles, *Hora santa vocacional*, Ed. Santuário.
— *Novena vocacional: A que você foi chamado?*, Ed. Santuário, 32 pp.
— Hora santa vocacional: *Evangelizai — refleti — rezai*, Ed. Salesiana Dom Bosco, 40 pp.
— Alcido Kunzler, *Jograis encenados*, Ed. Vozes, 1981, 133 pp.

Reflexões para jovens:

— Jorge Boran, *O senso crítico e o método ver-julgar-agir*, Ed. Loyola, 1982, 189 pp.
— Hilário Cristofolini, *Deus mora na contramão*, Edições Paulinas, 136 pp.
— Hilário Dick, *Na busca de ser...*, Ed. Vozes, 1977, 160 pp.
— Padre Lacerda, *Juventude e opção vocacional*, Edições Paulinas, 174 pp.
——, *O despertar*, Edições Paulinas, 234 pp.
——, *Ideal de jovem, ideal de homem*, Edições Paulinas.
— Giovanni Martinelli, *Vale a pena viver*, Ed. Salesiana Dom Bosco,
— Roque Schneider, *Vocação acertada... futuro feliz*, Edições Paulinas, 80 pp.
— Padre Zezinho, *Não digas não a Deus*, Edições Paulinas, 128 pp.
— Clodovis Boff, *Deus e o homem no inferno verde* (é um depoimento escrito por um teólogo que esteve nas comunidades eclesiais de base no Acre), Ed. Vozes, Petrópolis, 1980, 123 pp.
— Eduardo Hoornaert, *Teologia da enxada* (uma experiência da Igreja do Nordeste), Ed. Vozes, Petrópolis, 1977, 120 pp.

— Dom Pedro Casaldáliga, *O guia de Gedeão,* Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, 98 pp. (um povo que fala alto em forma de poemas).

9. *Revistas e audiovisuais*

- VOCACIONES — Boletim do Secretariado-Comissão Episcopal de Seminários e Universidades. (Revista mensal que se dedica com publicações de todas as matérias vocacionais da Espanha e do mundo). Madrid /14 (Espanha) Alfonso XI, 4.
- *No campo dos audiovisuais* recomenda-se que periodicamente os interessados procurem as livrarias católicas que se dedicam à divulgação desse material. Sono-Viso; Edições Paulinas; Ed. Vozes; Dom Bosco; Santuário de Aparecida são, entre muitas outras, as que mais produzem esse tipo de material.
- VERBO FILMES — Caixa Postal 12.605, 01000, São Paulo, SP — produz, em convênio com a CNBB, os mais variados tipos de filmes em "Super-8", 16 mm, 35 mm, filmes vocacionais em curta-metragem, "Spots" e muitos temas vocacionais baseados nos discursos do papa, pronunciados no Brasil.

ÍNDICE

5 Apresentação

7 I — PASTORAL VOCACIONAL NO BRASIL

7 1. *O desafio histórico: a falta de padres*
8 2. *Até o Concílio Vaticano II*
9 3. *Uma fase de transição* (1966-1979)
14 4. *Novas perspectivas*

16 II — ELEMENTOS DE TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

16 1. *O que é vocação?*
16 1.1 — O sentido da palavra
17 1.2 — A vocação na Bíblia
18 1.3 — A vocação da pessoa e a eleição do povo
19 1.4 — O essencial é a missão
21 1.5 — A vocação faz a pessoa
22 1.6 — Deus chama pelos acontecimentos
23 1.7 — Deus chama pelas pessoas
24 1.8 — As vocações hoje
25 2. *Quais são as vocações, hoje?*
25 2.1 — A vocação humana, cristã, específica
26 2.2 — A dimensão antropológica da vocação
29 2.3 — Dimensão cristã e eclesial
31 2.4 — Dimensão carismática e pessoal
33 2.5 — Os ministérios ordenados
34 2.5.1 — O episcopado
35 2.5.2 — O presbiterato
37 2.5.3 — O diaconato
38 2.6 — As vocações consagradas
40 2.7 — Vocação pessoal e comunidade
42 3. *Como discernir uma vocação?*
42 3.1 — Por que o discernimento?
43 3.2 — A primeira atitude: a escuta ou a fé
44 3.3 — A inserção na comunidade eclesial
45 3.4 — Os apelos de Deus pela mediação da Igreja
47 3.5 — As "motivações" na busca da vocação
49 3.6 — A maturidade psicológica

52 III — A PASTORAL VOCACIONAL NA IGREJA PARTICULAR

52 1. *Condições básicas*
52 1.1 — Uma Igreja evangelizadora
53 1.2 — Uma Igreja comunitária
54 1.3 — Uma Igreja educadora da fé
55 1.4 — Uma Igreja orante
56 2. *Organização da Pastoral Vocacional*
57 2.1 — A Equipe Diocesana de Pastoral Vocacional
58 2.2 — Instrumentos da Equipe Diocesana de Pastoral Vocacional
59 3. *Áreas privilegiadas da Pastoral Vocacional*
59 3.1 — A família
61 3.2 — A juventude
63 3.3 — A comunidade eclesial
63 4. *O testemunho*

65 IV — A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

65 1. *O perfil do orientador vocacional*
70 2. *O orientador e a família*
72 3. *O orientador e o jovem*
74 4. *Sugestões para atividades de orientação vocacional*
76 Anexo: Fichas de Inscrição e de avaliação dos vocacionados

95 V — BIBLIOGRAFIA

Impresso na Gráfica de Edições Paulinas - 1983
Via Raposo Tavares, Km 18,5 - 01000 SÃO PAULO

O presente texto dirige-se às equipes e aos agentes de Pastoral Vocacional, como apoio a seu trabalho e, ao mesmo tempo, como subsídio para a formação de novos agentes. Nele encontram-se orientações essenciais e oportunas neste momento da vida da Igreja no Brasil, marcado pelo *ANO VOCACIONAL*, que volta a repetir o convite de Jesus: VEM E SEGUE-ME! A nova Pastoral Vocacional orienta-se no sentido da descoberta, em primeiro lugar, da "vocação cristã", pela qual todos são chamados a participar ativamente da edificação da Igreja. Dentro de comunidades cristãs vivas e dinâmicas, situa-se um esforço educacional para discernir e encaminhar as vocações específicas ao ministério presbiteral, à vida religiosa, às diversas formas de consagração e apostolado.

edições paulinas

ISBN 85-05-00013-7